



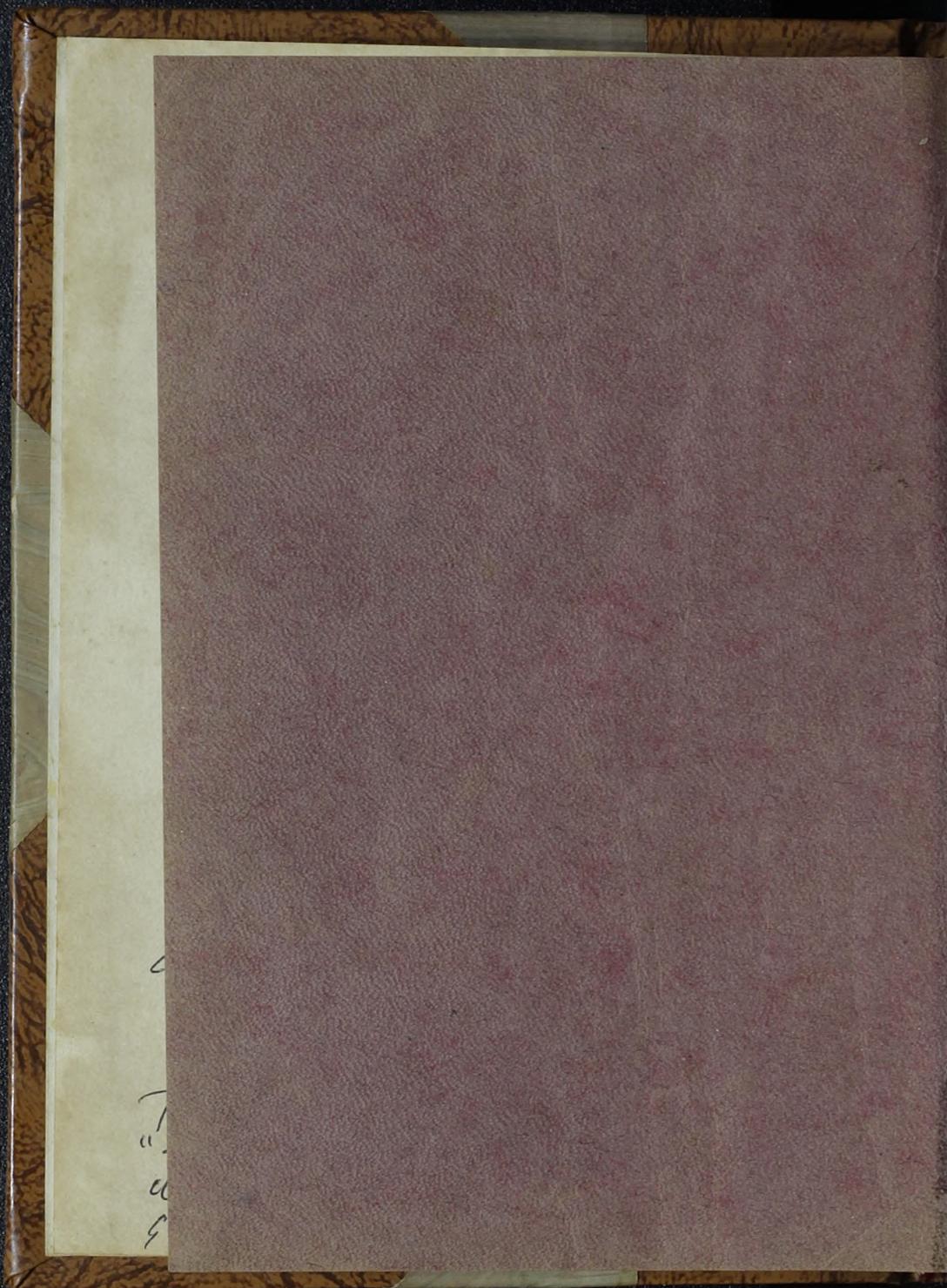




Esta peça pertence
à maior biblioteca
especializada em
letras que há no
Rio de Janeiro, a de Pro-
f. Ferriz. É
uma peça de menor im-
portância, mas vale
como um documento
de época, tanto pela
linguagem como pelo
fato que evoca. É uma
"revista de arte" referente
a 1888, ano da independên-
cia da República.
É um documento de primeira
mão da Proclamação da República.

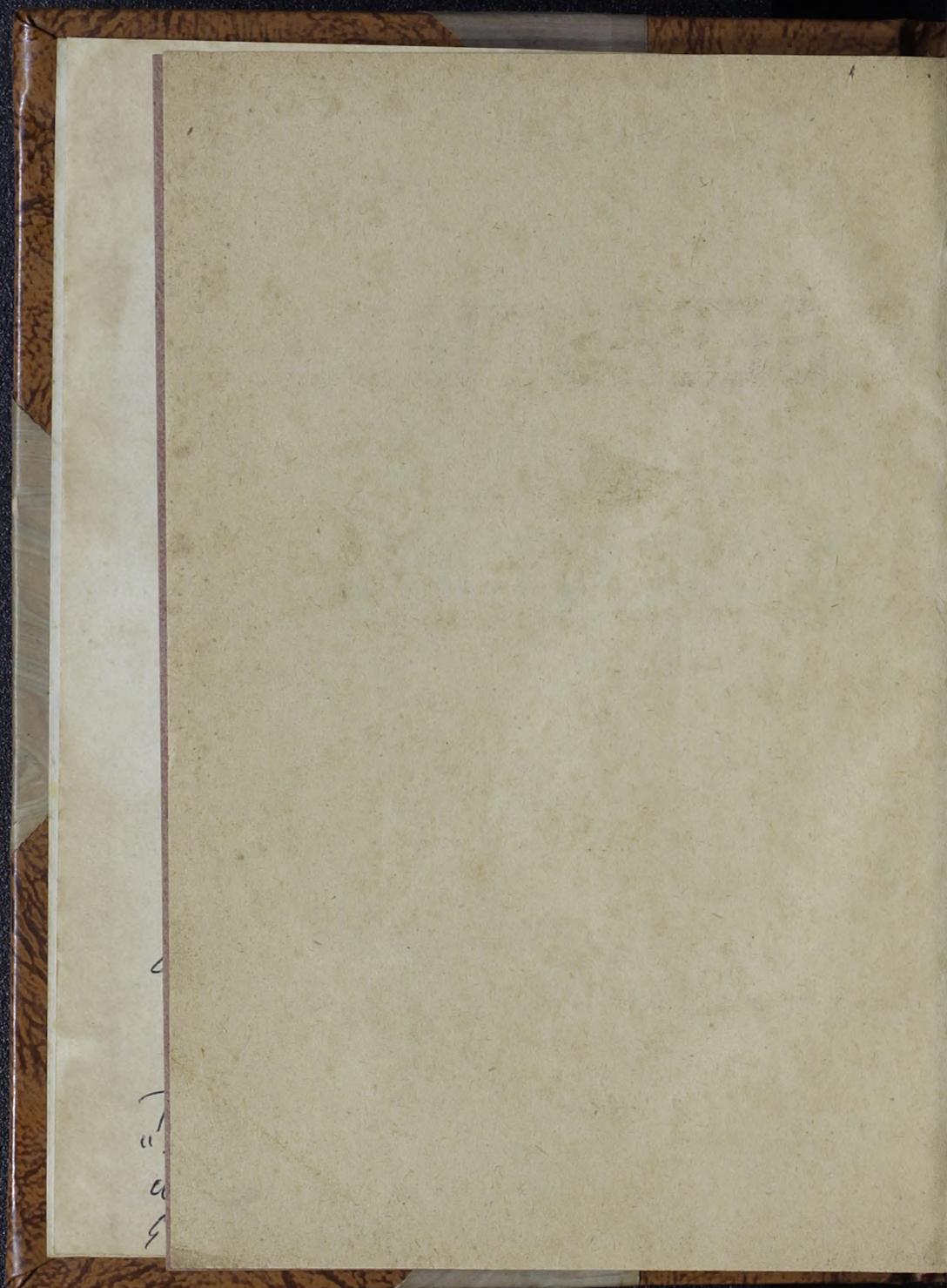
MOREIRA SAMPAT

D. SEBASTIANA



T
u
9

D. SEBASTIANA



MORRIRA SAMPALIO

D. SEBASTIANA

REVISTA FLUMINENSE DE 1888

EM

1 prologo, 3 actos e 11 quadros --- musica de diversos autores

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

Tombo N.º 32.749

MUSEU LITERÁRIO

Typ. a vapor A. Santos — Rua da Carioca, 31

RIO DE JANEIRO

1889

~~~~~  
*Representada pela primeira vez no theatro  
Sant'Anna em 22 de Janeiro de 1889*  
~~~~~

JACQUES ANTOINE
LAFITE
LAFITE
LAFITE

PERSONAGENS

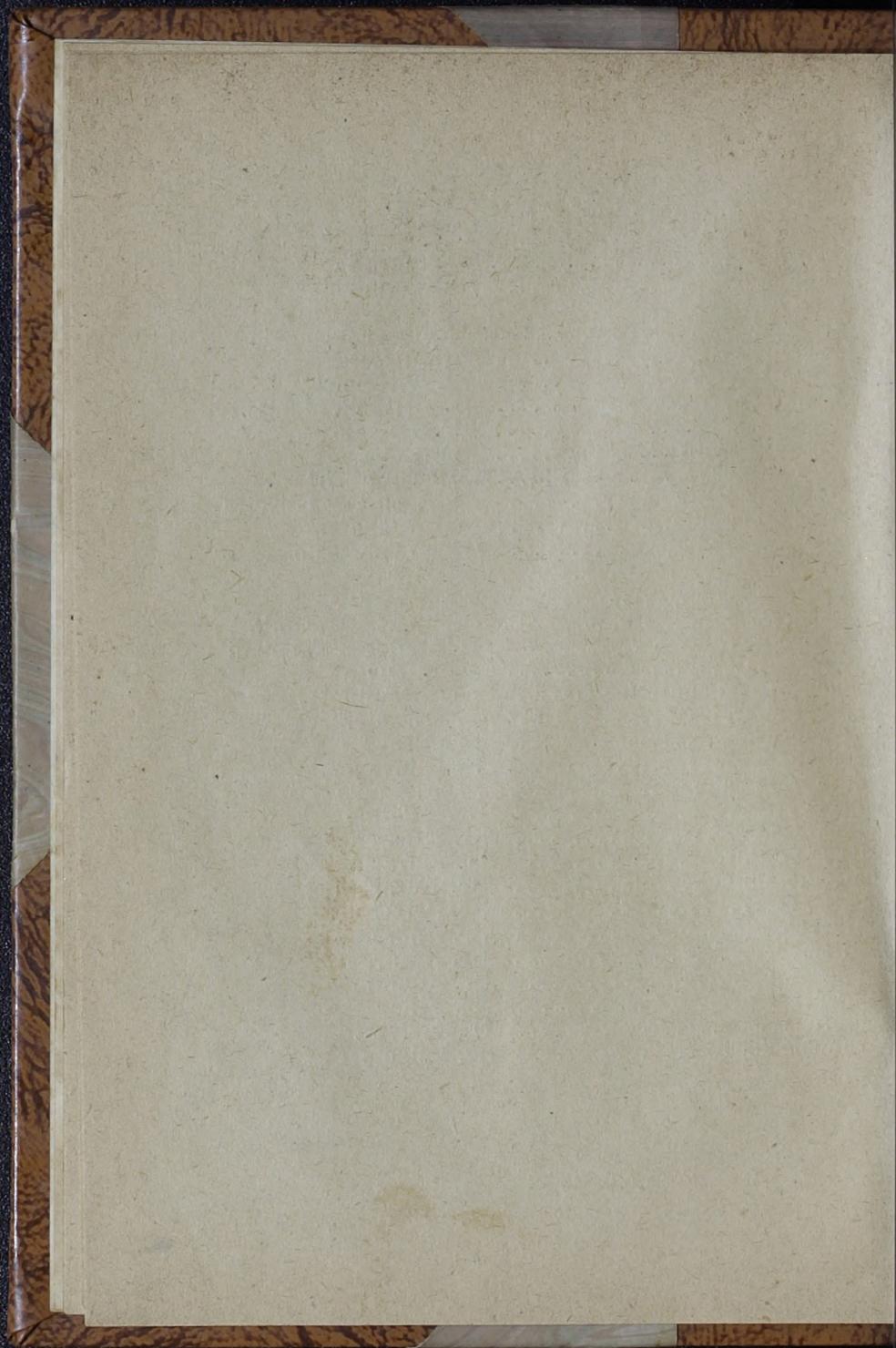
D. SEBASTIANA.....	MLLE. LOPICCOLO.
Commendador Pitorra.....	Sr. Vasques
Pimenta.....	Sr. Mattos.
Chindoca.....	D. Olympia Montani.
Menezes.....	Sr. Mesquita.
1º Amante.....	Sr. Peixoto.
2º Dito.....	Sr. Nazareth.
3º Dito.....	Sr. Villar.
Município.....	D. Izabel Porto.
O coronel.....	Sr. Colás.
O Jornal do Commercio.....	Sr. Lisboa.
O capoeira.....	Sr. Mesquita.
O Chim.....	Sr. André.
O Fanatico.....	Sr. Adelino.
O Inimigo.....	Sr. Gil.
O Contra-regsa.....	» »
Companhia do Gaz.....	D. Sophia de Oliveira
Companhia Telephonica.....	D. Edelvira.
O Espiritismo.....	Sr. Villar.
Um papagaio.....	Sr. Esperança.
Outro dito.....	Sr. Dias.
1ª criada.....	D. Amelia Athayde.
1º criado.....	Sr. Esperança.
Um litterato.....	Sr. Peixoto.
Um credor original.....	Sr. Lisboa.
1º barão.....	Sr. Nazareth.
2º dito.....	Sr. Adelino.
3º dito.....	Sr. Colás.
4º dito.....	Sr. André.
O photographo.....	Sr. Mesquita.
Companhia de Botafogo.....	D. Sophia de Oliveira
Companhia Villa Izabel.....	D. Olympia Montani
Companhia S. Christovão.....	D. Edelvira.
Um pae.....	Sr. Nazareth.
Uma senhora.....	D. Izabel Porto.
1º presidente.....	Sr. Villar.
2º dito.....	Sr. Adelino.
D. Ritinha.....	D. Eufrazia.
D. Amelia.....	» »

Personagens

1º burro.....	Sr. Cezar.
2º dito.....	Sr. Dias
Russa.....	Sr. Adelino.
Pintada.....	Sr. Ayres.
1º passeante.....	Sr. Gil.
2º dito.....	Sr. Nazareth.
Um vendedor de balas.....	D. Luiza.
O tenente-coronel.....	Sr. Colás.
Um medroso.....	Sr. Peixoto.
Um devedor.....	Sr. Mesquita.
Um fazendeiro.....	Sr. Nazareth.
A roleta.....	Mlle. Blanche Grau
Estrada de Ferro.....	D. Edelvira.
Barraquinha.....	D. Olympia Montani.
Vispora.....	Sr. Villar.
Um maneta.....	S. André.
A opinião publica.....	Sr. Peixoto.
Diario de Noticias.....	Sr. Gil.
Um despronunciado.....	Sr. Colás.
Um namorado.....	Sr. Mesquita.
Um pobre.....	Sr. Esperança.
Um empregado do albergue.....	Sr. André.
1º visitante.....	Sr. Cezar.
2º dito.....	Sr. Villar.
A arte nacional.....	D. Izabel Porto.
1º capadocio.....	Sr. Mattos.
2º dito.....	Sr. Peixoto.
3º dito.....	Sr. Villar.
Rosita de la Plata.....	D. Sophia de Oliveira
Kinsman.....	Sr. Colás.
Companhia Musella.....	Mme. Massart.
O 29.....	Sr. Mesquita.
O marinheiro da Avenida.....	Sr. Peixoto.
O Juca.....	Sr. Nazareth.
O engenheiro.....	Sr. Lisboa.
Um empresario comprado.....	Sr. Gil
1º delormista.....	Sr. Adelino
2º dito.....	Sr. André
Mlle. Chose.....	D. Eufrasia

Personagens

1 ^a viuva.....	D. Eufrasia
2 ^a dita.....	D. Rosa Santos
Santo Antonio.....	Sr. Villar
Um pequeno.....	Menina Estephania
O Herodes.....	Sr. Mattos
A Phenix.....	Sr. Esperança
O Sant'Anna.....	D. Olympia Montani
O Espanhol.....	Sr. Peixoto
O Padre fuzileiro.....	Sr. Colás
A Rosa de ouro.....	Mme Massart
A baroneza Yella.....	D. Sophia de Oliveira
Um pai de familia.....	Sr. Lisboa
A mãe.....	D. Izabel Porto
Uma filha.....	D. Luiza
1 ^o caixeiro.....	Sr. Villar
2 ^o dito.....	Menina Estephania
A Gazeta de Noticias.....	D. Olympia Montani
A imprensa.....	D. Edelvira
1 ^o homem dos canivetes.....	Sr. Parotin
2 ^o dito idem.....	Sr. Nazareth
1 ^o comprador.....	Sr Cesar
2 ^o dito.....	Sr. Dias
Um indemnizador.....	Sr. Mesquita
Banana.....	Sr. Adelino
Guinarães.....	Sr. Esperança
Cabeça de Porco.....	D. Eufrasia
O marido afflicto.....	Sr. Nazareth
Curioso.....	Sr. Peixoto
1. litterato.....	Sr. André
2 ^o dito.....	Sr. Nazareth
Um patriota.....	Sr. Adelino
1 ^o agente.....	Sr. Villar
Doutora.....	D. Edelvira
O Anno de 1889.....	Sr. Peixoto



D. SEBASTIANA

PROLOGO

Quadro I

Um rapto na sala do Theatro Sant'Anna.

SCENA I

O CONTRAREGRA.— (*no palco*) PIMENTA (*nas torrinhas.*)

(A orchestra executa a ouvertura da revista.—Em certo ponto é interrompida pelo Contraregra, cuja cabeça apparece pelo panno de bocca.)

CONTRAREGRA.—O' maestro!... tenha paciencia... acabo de dar pela falta de um artista!... O Vasques!... Até esta hora não chegou... Suspenda a ouvertura!... (*A orchestra interrompe a ouvertura*) Muito obrigado... (*Ao publico*) VV. EEx. não se impacientem... O nosso artista não pode demorar-se... A não ser que lhe tenha succedido qualquer coisa, o que Deus não permitta, apenas chegue, começará o espectáculo. (*Cumprimenta e desaparece.*)

PIMENTA.—(*das torrinhas*) Temos amolação!... A tal historia principia mal!... Ora queira Deus!...

DIVERSOS ESPECTADORES.—Scio!

PIMENTA.—Scio, não!... paguei a minha entrada, tenho o direito de fallar!... (*Os scios! augmentam*) Está bom... lá por isso não seja a duvida... estou calado!

SCENA II

O mesmo, COMMENDADOR PITORRA, CHINDOCA, depois MENEZES.

PITORRA.—(*entrando com Chindoca em um camarote*) Passam já cinco minutos das oito e meia... mas enfim chegamos a tempo...

CHINDOCA.—Oh, homem, papae!... falle mais baixo... Já todo o mundo está olhando para nós de bocca aberta!

PITORRA.—Deixal-os olhar!... não lhes devo nada... Dá cá a capa... (*pendurando a capa no cabide.*) Senta-te, mas não dês as costas para o vento...

CHINDOCA.—(*sentando-se na frente do câmarote*) Trouxe o binoculo?

PITORRA.—Trouxe... aqui o tens... (*sentando-se defronte d'ella*) Vamos lá ver a tal revista do anno!...

CHINDOCA.—Eu, cá por mim, não faço fé...

PITORRA.—Nem eu... «D. Sebastiana»!... Que titulo!

CHINDOCA.—E' mesmo!... não posso perceber o que pretende o autor na sua...

PITORRA.—Provavelmente é alguma d'estas mulheres que... sim... estes escriptores de agora são todos os mesmos... Vê lá se não era melhor qualquer titulo que tivesse Bendegó no meio.

CHINDOCA.—Pois não!

PITORRA.—(*consultando o relógio*) Já passam nove minutos... (*ouve-se a sineta dentro dar a prevenção*) Bravo!... não tarda!...

CHINDOCA.—Emquanto não começa, si papae fosse bom, dava-me uns beijos...

PITORRA.—Oh! menina! pois eu hei de pôr-me a beijar-te aqui no theatro... Que ternura é essa de repente?

CHINDOCA.—Quem lhe falla nisso?... Peço-lhe beijos, aquellas balas de amendoas com ovo... embrulhadas em papel fino... Gosto d'ellas que me pélló!... Lá no jardim ha um baleiro que as tem...

PITORRA.—Ah! isso agora sim!... Vou buscar os teus beijos... (*Sae—Pausa—Chindoca examina a sala com o binoculo.—A porta do camarote entreabre-se e apparece a cabeça de Menezes.*)

MENEZES.—(*da porta*) Que é do papae?

CHINDOCA.—(*voltando-se assustada*) Uè! gentes! que susto você me meteu!... Vã-se embora!... papae não tarda ahi... foi comprar balas...

MENEZES.—(*entrando*) O momento é propicio... vem commigo!

CHINDOCA.—Com você?... e para onde?

MENEZES.—Para qualquer logar onde possamos ser felizes, já que teu pai nao quer consentir no nosso casamento. Vamos, anda! (*Toma-lhe a mão.*)

CHINDOCA.—Você está doido, meu bem?... pois eu hei de ir com você?

MENEZES.—E porque não, si é o unico meio?

CHINDOCA.—Mas...

MENEZES.—Qual *mas*, filha!... Não ha tempo para *mas*... Juro-te que te amo muito e que me casarei contigo!... Um carro espera-nos á porta... Amanhã estaremos casados e o velho perdoará.

CHINDOCA.—Olhe que vamos ser pegados no caminho... Papae já deve vir ahi...

MENEZES.—Não tenhas medo... E' elle subir por uma escada e nós descemos pela outra, como nos contos da carochinha!... Vem! (*Chindoca levanta-se. A' parte*) Até que emfim!

CHINDOCA.—Mas você casa mesmo commigo?

MENEZES.—Si caso?... que duvida!... Pareces tola... Já viste um homem raptar uma mulher que não seja para casar?

CHINDOCA.—Este argumento é convincente...

MENEZES.—Convincentissimo... pois é!... Vamos!

CHINDOCA.—Vamos, mas espie primeiro para o corredor...

MENEZES.—(*espiando*) Ninguém!.. partamos! (*Chindoca toma a capa e sahe com Menezes.*)

PIMENTA.—(*ao visinho*) Você quer ver, *seu* coisa, que d'alli d'aquellê camarote sae obra?... Lá se vae a moça das balas com o janota... Bem o vi eu ainda agorinha estar ajustádo um carro...

PITORRA.—(*entrando no camarote*) Aqui estão as beijocas... Ninguém!.. Chindoca!... (*Chamando da porta*) Chindoca!... Minha filha!... Chindoca!

PIMENTA.—E escusado chamar por ella... poz-se a pannos com o janota.

PITORRA.—(*olhando para cima*) Com o janota?!

PIMENTA.—Saberá V. S. que sim... Um mocelão, alto, claro, de pastinhas e vidro no olho...

PITORRA.—Ai! que foi o patife que me andava røndando a porta!.. Onde descobril-a agora, meu Deus?

PIMENTA.—Si o patrão quer, temos ahí uma victoria nova, com uma parelha de patente.. Conheço o cocheiro do carro que levou os pombinhos...

PITORRA.—Desce então depressa e partamos!

PIMENTA.—E onde é que vamos, patrão?

PITORRA.—Sei lá!... pela cidade do Rio de Janeiro até encontrar minha filha!... Eis ahí a minha revista do anno! (*Sahe. Pimenta desce tambem. Execução dentro para a orchestra que conclue a ouvertura.*)

Quadro II

A festa da Dona

Opulento salão no palacio de D. Sebastiana. Scena de phantasia. E' noite. Illuminação prodigiosa e deslumbrante. Arbustos, estatuas. Ao fundo grande cortina que se abrirá a seu tempo.

SCENA III

SERVOS DE AMBOS OS SEXOS, depois MUNICIPIA

SERVOS (*dando a ultima de mão aos preparativos da festa.*)

CORO

Trabalhemos apressados,
Que é preciso terminar,
Pois em breve os convidados
Da senhora vão chegar.

E' esta
Tão bella festa
Que ha de dar que fallar!
Com certeza não se engana
Quem por esta capital
Diz que D. Sebastiana
E' princeza sem rival!

Pessoa
Formosa e boa
E muito original

(*Ao terminar o coro, entra Municipia*)

MUNICIPIA. — Então?... ainda falta muito?

1º CRIADO. — Não, senhora; está tudo concluído.

MUNICIPIA (*á 1ª criada*). — O *toilette* está prompto?

1ª CRIADA. — Está, sim senhora. Conforme ordenou, lá colloquei as mais finas perfumarias: essencia de politica, oleo de conveniencias, agua tonica do interesse, sabonetes de «cada um que se arranje», pomada de «quem é tolo pede a Deus que o mate». pós de «Matheus, primeiro os teus»....

MUNICIPIA. — Muito bem.... vai lá pôr isto (*dá-lhe um embrulho*) E' um perfume de ultissima applicação que acabo de inventar.

Todos. — Ah! sim?... E como se chama?

MUNICIPIA. — Extracto de olho vivo.

1ª CRIADA. — Para que serve o extracto de olho vivo?

MUNICIPIA. — Principalmente para aquelles que não querem ser vistos... Leva, anda...

1ª CRIADA. — (*sahindo, á parte*) A primeira que vae experimental-o sou eu... tenho que ir fallar com o jardineiro...

MUNICIPIA. — E agora vocês vão todos para os seus postos e não esqueçam as ordens que lhes dei... Quero que o baile á phantasia que a senhora dá no dia do santo do seu nome seja uma festa de arromba. Vão! (*Os criados sahem*).

SCENA IV

MUNICIPIA, depois o 1º AMANTE.

MUNICIPIA. — Vejamos a sala da ceia... (*Vae ao fundo e olha atravez da cortina*). Está esplendida a mesa do orçamento... quero dizer da papança... Onde diabo estou eu com a cabeça?... Só não encherá a barriga quem não tiver vontade ou o que fôr bastante tolo para não arranjar logar.

1º AMANTE (*da porta*). — Pode-se entrar?

MUNICIPIA. — Ah! és tu?... pois já?

1º AMANTE.—Já, sim, meu amor! Bem sabes que não posso viver longe de ti! Sem ti a minha vida é um deserto!

MUNICIPIA.— Todos os meus amantes. dizem o mesmo... Amam-me muito, pois não?

1º AMANTE.—Si te amamos?... Eu cá regulo por mim... E como não amar-te, si és tão boa... si tua ama é tão rica! que te dá tantos ganchos, Por fallar em ganchos, tens ahí cincoenta mil reis que não te façam falta?

MUNICIPIA.—Aqui estão.. Felizmente tenho sobras porque vieste em dia de festa... mas olha que ando muito arreventada. Vocês tiram-me a pelle do corpo... Só desses amores é que eu encontro

1º AMANTE.—Que queres?... Vivemos em tempos praticos Isso de amar o amor já se acabou...

MUNICIPIA.—Sim, bem sei... Mas eu já não sou criança, começo a enfastiar-me e no dia em que me livrar de taes sauguesugas levo uma illustrissima de cera a Nossa Senhora da Penha.

1º AMANTE.—Ingrata! Vá lá um homem querer desinteressadamente a uma mulher!

MUNICIPIA.—Desinteressadamente!... gosto!.... Oh! mas agora reparo! que vestuario extravagante! Que biço é esse que trazes na cabeça!

1º AMANTE.—Um rato.

MUNICIPIA.—Um rato?

1º AMANTE (*com enthusiasmo*).--Um rato, sim!.. Desde a mais remota antiguidade o rato é considerado como o symbolo da vivacidade e da esperteza! Alem d'isso o rato furta e eu desejo furtar-te... para ignotas solidões d'onde outro rato mais rato do que eu não te possa furta por sua vez!

MUNICIPIA.—E's um rato poetico, palavra de honra!

1º AMANTE.—Ah! eu adoro os ratos! São animaes trabalhadores que sabem fazer pela vida. (*Canta.*)

COPLAS

I

Gosto muito do rato!
O rato rói...
Muito me dóe
Ver tal bicho matar!
A' noite , quando durmo,
O rato vem,
E faz-me bem,
Ouvil-o trabalhar
Ró, ró, ró, ró, ró!
AMBOS.—Ró, ró, ró, ró, ró!

1º AMANTE

II

Desde que o mundo é mundo
Que ratos ha,
E que haverá
Ratinhos e ratões!
Pois quando um rato morre
Deixa ao morrer
P'ra o succeder
Diversas gerações!
Ró, ró, ró, ró, ró!
AMBOS.—Ró, ró, ró, ró, ró!

MUNICIPIA.—Visto isso consideras o rato o primeiro dos animaes?... mesmo acima do cão?

1º AMANTE.—Ora o cão!... o cão é um asno!

MUNICIPIA.—Esta agora!

1º AMANTE.—Tão asno que chega a ser fiel!... Sabe elle por ventura aproveitar a intelligencia que Deus lhe deu?

SCENA V

Os mesmos, 2º e 3º AMANTES

2º AMANTE.—Cá estou eu, minha querida!

3º AMANTE.—Dize antes: cá estamos nós, porque eu também sou gente.

MUNICIPIA.—'E' engraçado!... Os meus homens são os primeiros que chegam!

2º AMANTE.—Pudera! Ouvimos fallar em mamata!..

MUNICIPIA.—Pois, senhores, a ideia do rato não é má!...

2º AMANTE.—Certamente! O figurino foi desenhado aqui pelo collega... (*indica o 1º amante.*)

3º AMANTE.—Que para estas coisas é homem de tino.

1º AMANTE.—Oh! isso é bondade.

2º AMANTE.—Não é bondade; é justiça (*a Municipia*)
Ai! meus quitutes, que saudades! (*baixo*) Tens ahí vinte mil reis?

3º AMANTE.—Ardia por ver-te!... (*baixo*) Si tens uma de dez, disfarça e passa. (*Municipia dá nas palmas das mãos de cada um.*)

MUNICIPIA.—Portem-se bem!... Olhem que a se-
nhora não é de graças... Os salões começam a encher-
se de convidados... aproxima-se a hora da recepção.
Vou ver os ultimos preparativos da ceia. Ai, filhos! te-
mos uma canja!... (*Os tres estalam a lingua. Sahe.*)

SCENA VI

Os mesmos menos MUNICIPIA, CONVIDADOS DE AMBOS
OS SEXOS, depois D. SEBASTIANA.

CORO

Aproveitemos a vasa
Que se nos vem off'recer;
Saudar a dona da casa
E' hoje nosso dever.

Deus lhe dê vida ditosa
Por muitos annos sem fim,
Seja sempre venturosa
Para nos dar festas assim!

(*Entra D. Sebastiana*)

D. SEBASTIANA

COPLAS

I

Eu sou a mais formosa
Cidade do sol,
Pois ostento garbosa
Um céu sempre azul!
Mas apezar de bella
Impuro é meu sangue,
Tenho a febre amarella
E o canal do Manguê!
Sagaz e magana
Qual outra não ha,
D. Sebastiana
Ante vós está.

CORO

Sagaz e magana
Etc. etc.

D. SEBASTIANA

II

De luva de pellica
Eu vou aos salões;
Quem me vê logo fica
Cheio de attenções!
Sou tambem desordeira
E um pouco canalha,
Pois, como um capoeira,
Manejo a navalha,
Sagaz e magana
Etc. etc.

CORO

Sagaz e magana
Etc, etc.

1º. AMANTE—Viva D. Sebastiana, rainha da festa!

TODOS—Viva!

D. SEBASTIANA—Obrigada meus amigos; Muito folgo de vel-os aquireunidos nesta pequena e modesta festa de familia.

1º. AMANTE—Pequena e modesta é que não! Grande e faustosa, quer dizer.

D. SEBASTIANA—Ora qual!

1º. AMANTE—De certo. Os bailes á phantasia, que dá V. Ex. todos os annos no dia da festa do seu santo, são conhecidos pelo seu luxo e esplendor verdadeiramente orientaes.

SCNEA VII

Os mesmos, MUNICIPIA, depois PITOREA e PIMENTA.

MUNICIPIA (*entrando*).—Minha ama, estão lá fora dois individuos que insistem em fallar á senhora immediatamente.

D. SEBASTIANA.—Individuos?... de que sexo?

MUNICIPIO.—Como de que sexo?... Machos. Não me consta que haja individuos de outro sexo!

D. SEBASTIANA.—Pois ha.

OS TREZ AMANTES.—Ha... ha...

MUNICIPIA.—Ha?... oh!... então ha!... eu disse-lhes que a senhora hoje só recebia os seus convidados, mas os importunos insistem e...

D. SEBASTIANA.—Que me quererão?

MUNICIPIA.—Ignoro. O mais velho, que é o mais teimoso, diz que não se vae sem fallar á senhora.

D. SEBASTIANA.—Uma vez que não ha remedio, pergunta-lhes quem são e manda-os entrar. (*Municipia sahe. —Aos convidados que vão a sahir.*) Fiquem. Provavelmente não será coisa de segredo.

MUNICIPIA (*annunciando*).—O Sr. commendador Prudente Benevides Pitorra e seu cocheiro. (*Entram os dois.*)

D. SEBASTIANA.—Conheço o commendador.

1º AMANTE (*á parte*).—É eu o cocheiro... não tirou licença a semana passada... por signal que não sabe governar um carro.

PITORRA.—Qual de VV. EEx. é a Exma. Sra. D. Sebastiana Guanabara da Silva?

D. SEBASTIANA.—Uma sua criada. O commendador não me conhece, mas eu o conheço perfeitamente. Foi agraciado com a commenda da Rosa por ter alforriado uns escravos que nunca possuiu.

PITORRA.—Exactamente. Alforriar os que tenho não seria milagre nenhum!

PIMENTA (*á parte*).—Ah! pode-se fazer isso?... Espera que eu tambem hei de ser commendador!

D. SEBASTIANA.—Mandou a noticia para os jornaes, fez fallar de si, os prelos generam e o resultado foi o que estamos vendo.

PITORRA.—Ah! Excellentissima! Os tolos eram 115.

D. SEBASTIANA.—E já morreram 218.

PITORRA.—Não seria natural, portanto, que tivesse ficado ainda este seu criado.

1º. AMANTE (*ao 2º.*)—Aquelle é de força! Gosto dos homens assim!

2º. E 3º. AMANTES.—(*idem*) E eu!

D. SEBASTIANA.—Queria então o commendador?...

PITORRA.—Fallar a V. Ex. sobre objecto grave... Por infelicidade venho encontral-a tão á fresca e no meio de tanta gente igualmente despida, que...

D. SEBASTIANA.—Não faça caso. Dou hoje um baile á phantasia... todos os que aqui se acham são meus amigos. Podem fallar sem recção.

PIMENTA —Falle, patrão. O negocio que nos traz já é

por sua natureza bastante fresco, para não haver inconveniente em expol-o ao ar...

D. SEBASTIANA. — Trata-se então ?...

1.º AMANTE. — Aposto que é da descoberta de alguma machina de refrescar.

PITORRA. — Perdeu a aposta. E' um negocio fresco mas que me tem feito suar ás estopinhas. Minha filha...

D. SEBASTIANA. — Ah! tem uma filha?

PITORRA. — Tive... tenho... ou antes tinha, porque a estas horas não sei mesmo si a terei...

PIMENTA. — E' provavel que a tenha... embora já não a tenha como a tinha...

D. SEBASTIANA. — Não percebo: explique-se.

PITORRA. — Minha filha...

PIMENTA. — Nossa filha... não! nossa filha, digo mal... a filha cá do patrão... Estou tão interessado na historia que até já penso que sou o pae!

PITORRA. (*continuando*) — foi raptada por um bilontra...

Todos. — Raptada!

PITORRA. — Não ha meia hora, de um camarote do theatro Sant'Anna.

D. SEBASTIANA. — Raptada!.. Ah!... Ah!... pobre commendador!... Isto é moda!

PITORRA. — E a senhora ainda diz que é moda?.. Eu é que não sou de modas! Quero minha filha para cá!... Ella está escondida na senhora.

D. SEBASTIANA. — Em mim?

PIMENTA. — Procuremos, patrão, procuremos! (*Avança para D. Sebastiana.*)

D. SEBASTIANA. — Sae d'aqui! Estás doido?

PITORRA. — V. Ex. sabe onde ella está... diga-me!... restitua-me a pequena!...

D. SEBASTIANA. — Vejo a sua afflicção e estou prompta a ajudal-o... mas amanhã

PITORRA. — Amanhã!... é horrivel..

PIMENTA. — Oh! de certo!... Amanhã pode o patrão já não ser apeuas pai.

PITORRA. — V. Ex. comprehende... a noite... a solidão a falta de experiencia... e todas as circunstancias favoraveis á desgraça que queremos evitar!...

PIMENTA.—Sohretudo a falta de experiencia... Si se tratasse de pessoa experimentada...

D. SEBASTIANA.—Que quer agora que lhe faça? O raptor é moço limpo?

PITORRA.—E' limpo ou pelo menos parece... mas não tem onde cahir morto.

D. SEBASTIANA.—Pois cahirá sobre o senhor que tem costas largas e bem pôde sustentar um genro. Olhe, quer um conselho?

PITORRA.—Si fôr accitavel...

PIMENTA.—Acceitaremos.

D. SEBASTIANA (*a Pimenta*).—Ninguem te chamou cá! (*a Pitorra*) Fique hoje connosco e divirta-se, que prometto restituir-lhe sua filha.

PITORRA.—Em que estado, minha senhora, em que estado?

D. SEBASTIANA.—No estado de casada, palavra!

PIMENTA (*á parte*).—Interessante a dona da casa, interessante!

PITORRA.—Promette, jura o que diz?

D. SEBASTIANA.—Juro por S. Sebastião, meu patrono!

PITORRA.—Sendo assim, fico... e amanhã...

D. SEBASTIANA.—Iremos por ali fóra á procura da menina.

PIMENTA.—Está dito, ficamos...

D. SEBASTIANA.—Tu podes ir-te.

PITORRA.—Perdão... preciso dos seus serviços... conhece o cocheiro do carro em que foram os fugitivos....

D. SEBASTIANA.—Então fique.... mas que se porte como quem está em um salão.

PIMENTA (*offendido*).—Oh! dona! Eu tenho ido a muitos bailes na rua do Senhor dos Passos!

D. SEBASTIANA.—Pelo sim, pelo não, julgo prudente prevenir a policia...

PITORRA.—Em todo o caso não se perde nada com isso.

D. SEBASTIANA.—Municipia?

MUNICIPIA.—Minha ama!

D. SEBASTIANA.—Chama um dos criados mais desoccupados e manda-o á policia participar o occorrido...

MUNICIPIA.—Qual devo mandar? Pão de Assucar está tomando conta da entrada.; Corcovado e Pico da Tijuca estão attendendo aos convidados que sentem calor... Posso mandar o 95 ou o 26?

D. SEBASTIANA.—O que tiver menos que fazer... para o negocio que é, qualquer dos dois póde servir... (*Municipia sahe*).

PITORRA.—Então os seus criados tem numero?

D. SEBASTIANA.—São tantos que é este o melhor meio de conhecel-os.

MUNICIPIA. (*voltando*)—Ih! minha ama!... Vae ganhar presentes como que!... Acabam de chegar diversos convidados.

D. SEBASTIANA.—Manda-os entrar um a um para evitar a confusão.

PITORRA.—E mesmo para eu conhecer melhor as pessoas de sua amisade.

PIMENTA.—Apoiado! (*Municipia sahe*).

D. SEBASTIANA.—Chegue-se para aqui, commendador. (*Pitorra e Pimenta ficam perto della. Musica na orchestra.*)

SCENA VIII

Os mesmos JORNAL DO COMMERCIO, *acompanhado dos seguintes pequenos personagens: Um capoeirinha representando o AINDA E SEMPRE OS CAPOEIRAS; uma negrinha: a OBRA DA EMANCIPAÇÃO; um padre: o CONTO DO VIGARIO; um coxo: UMA VICTIMA DOS BONDS; um menino muito vermelho: PAVOROSO INCENDIO; um pequeno cadaver; ENCONTRADO MORTO; a COMPANHIA TELEPHONICA; a COMPANHIA DO GAZ; UM CORONEL DA GUARDA NACIONAL; UM CHIM; UM FANATICO; UM INIMIGO. O ESPIRITISMO. O CAPOEIRA.*

MUNICIPIA (*da porta.*)

O Jornal do Commercio!

D. SEBASTIANA

O veterano

Da nossa Imprensa!

JORNAL

Venho ainda este anno
Cumprimental-a por tão fausto dia.
Então, como vae essa bizzarria?

PITORRA (*baixo, a D. Sebastiana*)

Vamos, responde !

PIMENTA (*idem*)

Falle!

PITORRA (*idem*)

Desembuche!

D. SEBASTIANA

Tenho dois filhos meus com coqueluche,
Mas o doutor, que é mestre abalisado,
Garante não ser coisa de cuidado.

JORNAL

Estimo bem. Agora, sem tardança,
Permitta que lhe off'reça uma lembrança...

(*Tomando os pequenos pela mão*)

« Ainda os capoeiras! »

D. SEBASTIANA

Obrigada !

JORNAL

« A Obra da Emancipação! »

PITORRA

Obra aceiada!

JORNAL

Acceite agora o « Conto do Vigário »
E um « Pavoroso incendio! »

PITORRA (*baixo a Pimenta*)

E' extraordinario!

PIMENTA (*idem*)

Só lhe offerta de facto velharias!

JORNAL

« Uma victima dos bonds! »

PITORRA (*coma acima*)

Bem dizias!

JORNAL

Nasceu de ~~...~~ e o bond pol-o torto!
Acceite en~~...~~ um « Encontrado morto! »

D. SEBASTIANA

Taes finezas, meu charo, agradecida,
Não sei como pagar...

JORNAL

Uma sonida
De varias collecção tambem trazia...
Um collega bifou-m'as, quem diria!

PITORRA (*a parte*)

Pois, sim, tu para cá voús de carrinho!
Guardaste-as p'ra fazer teu negocinho!

D. SEBASTIANA

Faça de conta que esta casa é sua!

JORNAL (*a parte*)

Emquanto não me põe no olho da - ua!

MUNICIPIA (*ao fundo*)

Neste momento mesmo se annuncia
A Telephonica, enorme companhia.

COMPANHIA TELEPHONICA (*entrando muito devagar*)
Acabo de chegar do cães da Gloria

PITORRA

Isto é que é companhia! o mais é historia!

SEBASTIANA

Como vem devagar!

COMPANHIA TELEPHONICA

Ando cançada!...

Trabalho tanto!

PITORRA

Custa a ler!

PIMENTA

Coitada!

COMPANHIA TELEPHONICA

Não é o habito que faz o monge...
Quanto a mim, devagar se vae ao longe...
E sempre ouvi dizer desde criança
Que quem quer vae e quem corre cança.
Não é por madrugarem, diz o dictado,
Que amanhece mais cedo!

PITORRA

Bem pensado!

COMPANHIA TELEPHONICA (*a D. Sebastiana*)

No dia da tua festa
Eu quiz trazer-te um presente;
Conheço que elle não presta,
Mas dou-o de boa mente,

Para fazer um recado
Não ha nada como a escripta...
Aqui tens papel pautado

PITORRA (*a parte*)

Oh ! que dadiva exquisita !

MUNICIPIA (*ao fundo*)

A Companhia do Gaz !

SEBASTIANA

Oh ! querida companhia !
Que já tardavas, dizia...
Tuã luz falta me faz.

COMPANHIA DO GAZ

Para esta falta supprir
Eu peço á amiga que accete
(*Offerce*) Um candieiro de azeite.

PIMENTA (*á parte*)

Esta agora me faz rir !

PITORRA

Pois, minha cara menina,
Tem tal modo de explicar-se
Que é o caso de exclamar-se :
O gaz virou lamparina !

MUNICIPIA

O Sr. coronel Sanches Arruda ?

D. SEBASTIANA

Que cacete, meu Deus !

PITORRA

Eil-o ! Caluda !

CORONEL

Acabo de chegã lá da fazenda
Pra vi cumprimentã Vossa Inselencia
Me discurpe, portanto, a insufliciencia
E deixe que eu me expendã!
Vosmicê anda sempre em bom caminho
E sei que p'or porquesso é bicha brava,
Mas si a dona tivesse uns escravinhos
Outro gallo cantava!

O governo, que é fino, que é matreiro
Dá posto grande a toda gente agora...
Faz guarda nacionã o mundo inteiro...

Ahí que mandinga chóra!
Eu venho, pois, em nome da lavoura
Lhe pedi portecção p'ra nossa gente,
Não se mostre incremente
E seja de nós todos portectora!

PITORRA (*a Pimenta*)

Nunca ouvi dizer tantos disparates.

CORONEL

Accete agora as minhas hortaliças,
Rabanetes, cenouras e nabicas,
Grellos, pepinos, nabos e tomates!

PIMENTA (*a Pitorra*)

Que coronel é este tão casmurro?

PITORRA

Qual coronel, qual nada! Isto é um burro!
D. SEBASTIANA (*tomando a cesta de legumes*)

Farei o que puder; vá descansado.
Hei de amanhã comer tudo ensopado.

MUNICIPIA

O Espiritismo!

ESPIRITISMO (*entrando*)

E' justo que não peque
Por falta de amisade. Assim, pois, venho
Offerecer-lhe o que de melhor tenho
O derradeiro livro de A. Kardec !

PIMENTA

O' maluco!

ESPIRITISMO (*com desdem*)

Quem é este indecente?

PITORRA (*puxando a aba do paletot de Pimenta*)

Sabes accaso si és medium vidente ?

MUNICIPIA

Chegou quem está na berra! Até que emfim!

SEBASTIANA

Então quem é?

PITORRA

Quem é?

TODOS

Quem é?

MUNICIPIA

O Chim!

(*Entram o Chim, o Fanatico e o Inimigo*)

CHIM

Para que possa obter os seus carinhos...

PITORRA (*a Pimenta*)

Repara bem! Que cara sem vergonha!

CHIM

Permitta que a seus pés hoje deponha
Este prato de arroz com dois pausinhos!

FANATICO (*com enthusiasmo*)

Receba o chim, que é cousa papafina!
Sagaz! trabalhador! activo! esperto!
Si com elle ficar, fará de certo
Um negocio da China!

INIMIGO

Atire p'ra o monturo esta alimaria!
E' bruto! mandrião! trampolineiro!
Gatuno! vingativo! traiçoeiro!

PITORRA

Oh! que descommunal calilnaria!

CHIM

De inspiral-a Confucio não se esqueça!
Resolva o que dictar sua cabeça!

D. SEBASTIANA

Sabes que mais? Já que tambem acatas
A minha opinião, ahí vae ella:
Não queremos aqui raça amarella,
Leva esse arroz e vae plantar batatas!

PITORRA

Ficou de cara á banda o badameco!
(*ao chim*) Passa fora d'aqui!

TODOS (*com uma vaia*)
Salamaleco!

FANATICO

Não receies, amigo, que eu te deixe!

INIMIGO (*ao mesmo tempo*)

Não creias, bruto, que eu em paz te deixe!

CHIM (*Sahindo com os dois*)

Salin! Calapicú! Camalò! Peice!

PITORRA

Si eu pudesse corria-o a bodoque!

PIMENTA (*a Sebastiana*)

Fez você muito bem!

SEBASTIANA

Que dizes?

PIMENTA (*aperta-lhe a mão*)

Toque!

MUNICIPIA

Eis ahí vem um capoeira!

CAPOEIRA (*entrando*)

Siou, sou eu, o teu amigo!

Trago um presente commigo...

Toma lá uma rasteira!

(*Passa uma rasteira em Pitorra, que cahe*)

PIMENTA

Ahi, *seu* Pitorra, aguente!

PITORRA (*do chão*)

Oh! grande bregeiro! E esta!

Então ella faz a festa

E tu me dás o presente?

SEBASTIANA

Estás magoado?

PITORRA

Pudera!

Si lhe parece que é graça!

CAPOEIRA

Não faça caso; isto passa...
São brincadeiras do *cuéra*!

D. SEBASTIANA (ao *capoeira*)

As brincadeiras das ruas
Trazer para aqui não podes!

(a *Pitorra*) E' isto: não dou pagodes
Sem que elle faça das suas!

(A *Municipia*)

Não ha mais ninguem?

MUNICIPIA.—Por ora mais ninguem.

SEBASTIANA.—Neste caso, meus senhores, passemos
ao *buffet*... A noite está quente; poderão servir-se das
mais agradaveis bebidas...

PIMENTA.—Apoiado!... E então eu que estou com
uma sede onça!

D. SEBASTIANA.—Tenho justamente o que te convem:
para uma sede onça não ha como a cerveja tigre.

PIMENTA.—Já ouvi *allumiar* essa fazenda! Veja lá não
vá offerecer-nos bebidas que tenham aquelle acido...
como se chama!

D. SEBASTIANA.—Não tenhas medo... Quer tambem,
commendador?

PITORRA.—Nada... tomarei apenas um copo d'agua.

D. SEBASTIANA.—Agua !.. é precisamente o que não
possuimos...

PITORRA.—O que!.. não ha agua?

D. SEBASTIANA.—Oh! filho, pois não sabia que a agua
anda pela hora da morte?

PITORRA.—E para chegar a este resultado tem-se
gasto rios...

PIMENTA.—Ah! si tem se gasto os rios... não admira
que não haja agua!

PITORRA.—Rios dê dinheiro, idiota!

D. SEBASTIANA.—Vamos, então?

Todos.—Vamos!

(*Saem todas menos Municipia e o 1º amante*)

MUNICIPIA.—Então não vaes também?

1º AMANTE.—Sem darte um beijo?

MUNICIPIA.—Oh! meu Deus! isto já passa de amor!

1º AMANTE.—E depois não tenho pressa: gosto de encher-me sózinho. Venha de lá a beijoca! (*dá-lhe um beijo*) Até logo, feiticeira! (*sahe*)

MUNICIPIA (*só*).—E não me poderei jámais ver livre de semelhantes carrapatos! Chi! lá vem os papagaios da senhora! Não estou para aturar-lhes agora a palração! (*Sai*)

SCENA IX

OS PAPAGAIOS, depois todos os personagens do prologo.

Depois da primeira parte do coro seguinte, abre-se a cortina do fundo e veem-se todos os convidados de copo em punho, brindando D. Sebastiana. Uma rica mesa está posta no outro salão!

CÔRO DE PAPAGAIOS

(*Polka do Guarany*)

Pá, pá, pá, pá, papagaio real
Pá, pá, pá, pá, para Portugal
Quem pá, pá, pá, pá, pá, pá, pá, pá, passa
E' o rei, é o rei que vac a caça!

CÔRO DE CONVIDADOS

Vamos de copo em punho,
Com decidido ardor,
Brindar-te em testemunho
De acrysolado amor!

OS PAPAGAIOS

Dá cá o pé.
Meu louro, dá!
Dá cá, o pé,
Dá cá, dá cá!

D. SEBASTIANA (*vendo os papagaios—Descem todos os convidados*).—Municipia! Vem ver os papagaios que estão soltos!.. Como foi isto?

MUNICIPIA (*apparecendo*).—A senhora chamou?

D. SEBASTIANA.—Quem foi que soltou os papagaios?

MUNICIPIA.—Não sei, minha ama... Os bichinhos naturalmente têm fome... E depois que mal faz andarem soltos?... São tão mansos!

JORNAL (*que só ouve a ultima palavra*).—Mansos?... Temos mais algum manso?

D. SEBASTIANA.—Qual, amigo Jornal. Municipia referre-se aos papagaios.

JORNAL.—Ah! pensei!...

D. SEBASTIANA.—Veja, commendador, como são lindos!

PITORRA.—Admiraveis! Corrupaco pá páco! Corrupaco! (*faz festa aos papagaios.*)

PIMENTA (*a um papagaio*).—Dá cá o pé, meu louro! (*O papagaio dá-lhe o pé*)

D. SEBASTIANA.—E são falladores! Não fazem outra cousa senão fallar. Parecem deputados...

PITORRA.—Não admira... Ha deputados que parecem papagaios.

D. SEBASTIANA (*ao coronel, que tem se aproximado*) E trepam...

CORONEL.—Apois!

D. SEBASTIANA.—Trepam que não lhe digo nada!.. Das aves trepadoras que possuão são as que mais trepam!

CORONEL.—Parece artes de tinioso!

UM PAPAGAIO (*a Pitorra*)

Papagaio louro, do bico dourado!
Leva esta carta para o meu namorado!

OUTRO PAPAGAIO.—Peço a palavra, pela ordem!

D. SEBASTIANA.—Ouvem?

PITORRA.—Interessante!... interessantissimo! tem a palavra o nobre papagaio...

D. SEBASTIANA.—Nada... basta de papagaios...

CORONEL.—Ora, dona, deixe o bicho fazer o seu discurso...

D. SEBASTIANA.—Qual... são horas de começar o baile... Municipia, manda dar de comer aos papagaios! E agora, meus amigos, á dansa!

PITORRA.—E minha filha?..

D. SEBASTIANA.—Amanhã... procural-a-hemos! A' folia!

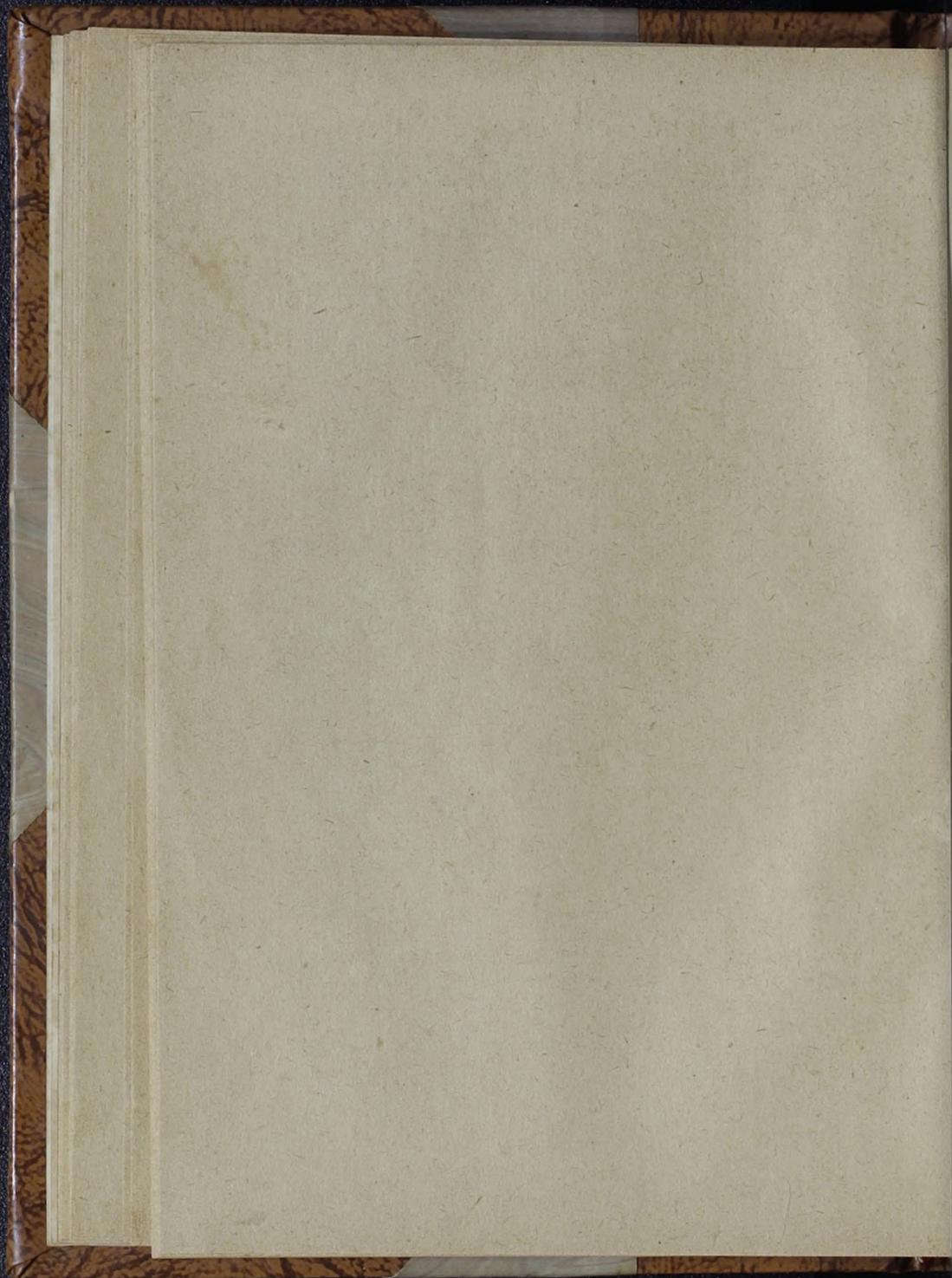
TODOS.—A' dansa!

PIMENTA.—Toca o hymno!

CORO FINAL

Can-can desenfreado — Fogos cambinantes — Quadro.





ACTO PRIMEIRO

QUADRO III

Cousas sortidas

Na rua Primeiro de Março, canto da do Ouvidor

SCENA I

Passeantes de ambos os sexos.—1º Passeante; 2º Dito; D. Amelia; D. Ritinha; vendedores de jornaes e de balas: Um vendedor de balas; Quitandeiras de fructas sentadas em frente aos taboleiros; Engraxatos em frente ás competentes cadeiras; Mais tarde Pittorra e Zé Pimenta; Depois um Credor Original; Grande movimento em todo o quadro.

1º PASSEANTE (ao 2º).— Que calor, hein, Souza?

2º DITO.— Medonho, Pinto!... Ha muitos annos que não sinto calor igual! (*Vão a affastar-se.*)

1º PASSEANTE (*vendo D. Amelia.*)— Oh! D. Amelia! por aqui!... Como tem passado?...

D. AMELIA.— Vamos indo como Deus é servido... Fui visitar a filha do Góes, na Praia Grande...

1º PASSEANTE.— Ah!... E que me diz do calor?...

D. AMELIA.— Horrivel!

VENDEDOR DE BALAS (*chegando-se*).— Bala, freguez!... dezesete por um tostão!... Parto, ovo, hortelã, cajú... côco á bahiana...

D. AMELIA.—Dezesete por um tostão!... Neste andar vocês em breve pagam ao freguez...

1º PASSEANTE.—Aquillo não são balas... são grãos de milho enbrulhados em papel de côr...

VENDEDOR.—Grãos de milho não senhor!... São balas e muito boas! (*affastando-se*). Bala, freguez! Dezesete por um tostão!

D. AMELIA.—Olha quem ella é!... Ritinha!...

RITINHA.—Oh! meu amor!... como estás!... E tua mãe!... E o doutor?...

D. AMELIA.—Todos bons!... E tu?... Já não ha quem te veja!...

RITINHA.—Que queres?... o calor...

D. AMELIA.—Está com effeito insurportavel!

RITINHA.—Horroroso!... (*Affastam-se todos. Entram PITORRA e ZÈ PIMNNTA.*)

PITORRA.—Parece-me que é aqui o ponto marcado...

PIMENTA.—E', patrão... mas não a vejo...

PITORRA.—Nem eu... pois já são horas!

PIMENTA.—Talvez o calor...

PITORRA.—Ahi vens tu com o calor!... Que não se ouve outra cousa nestes dias!... E': que calor!... que temperatura!... está horrivel!... estou alagado!...

PIMENTA.—E' que eu me dou mal neste tempo... Ainda o anno passado estive tão doente que fui para a Ordem Terceira...

PITORRA.—*Ter saude*, queres dizer...

PIMENTA.—Pois então! quando fui para a Ordem Terceira foi para ter saude...

PITORRA.—E nada de D. Sebastiana!... Andamos ha tantos dias por ahi e nem novas nem mandados da Chindoca!... Ah! si eu os apanho!... O patife casa, olá si casa!...

PIMENTA.—Foram esportos os pombinhos!... Saltaram no jardim do Campo e despacharam o carro...

PITORRA.—E a policia abriu inquerito... Abriu inquerito?... Sempre a mesma cousa!

PIMENTA.—O abrir não custa... o fechar é que são ellas...

PITORRA.—E' justamente o caso de minha filha!
(*Entra UM CREDOR ORIGINAL acompanhado de um carregador, que traz uma cama de vento, uma mala, um cabide de pé e outros objectos.*)

CREDOR.—E' aqui... Arreie a quitanda! (O carregador colloca tudo junto ao bastidor da esquerda, baixo). Tome... (Dá-lhe dinheiro. O carregador sahe. O CREDOR abre a cama. Tira o paletot e o chapéo, que põe sobre o cabide. Arranja os objectos e deita-se depois na cama.)

PITORRA.—Olha, ó Zé, que será aquillo?

PIMENTA.—Provavelmente é o calor, patrão... o homem sentia calor em casa... e poz-se ao fresco...

PITORRA.—Será doido? Vejamos!... (*Ao credor.*) Desculpe, meu charo senhor... mas como acho exquisito vê-lo deitado assim, aqui na rua...

CREDOR.—Acha?... E' porque não é credor de um caloteiro!... Si fosse, não achava!...

PITORRA.—Ah!... o sr. é credor...

PIMENTA.—De um caloteiro?... Sei o que isso é... tenho muitos freguezes da mesma profissão...

CREDOR.—Não ha meio de pilhal-o em casa... o patife nega-se sempre... vae para seis mezes que isto dura... Ah! o caso é este, disse eu com os meus botões...

PIMENTA.—(*a Pitorra*) E' um alfaiate.

CREDOR.—Pois planto-me á tua porta e d'ella não me arredarei sem ser pago!!! Mandei carregar para aqui os cacarecos... e agora veremos quem tem garrafas vasias para vender...

PITORRA.—(*a Pimenta*) E' taverneiro... já vê...

CREDOR.—E' possivel que não consiga cobrar a conta, mas a peça que prego ao tratante me consola...

PIMENTA.—(*a Pitorra*) Com sola... é sapateiro, está ahi!

CREDOR.—(*tirando de debaixo da cama um moringue e enchendo um copo d'agua*) São servidos?...

PITORRA.—Obrigado!... (*baixo a Pimenta*) Não é que elle parece disposto a satisfazer em publico a todas as necessidades da vida?

PIMENTA.—Não é sapateiro, nem alfaiate, nem taverneiro... é maluco...

PITORRA.—Creio que tens razão, que é justamente o que elle não tem.

CRETOR.—(*bocejando*) Ah!... facamos uma sonecal (*Põe-se a gosto e dorme—Alguns passeantes contemplam boquiabertos a scena.*)

PITORRA.—Pois, senhores, confesso que é originallissimo este novo processo de cobrar dividas.

SCENA II

OS MESMOS, SEBASTIANA, DEPOIS DOIS PRESIDENTES, DEPOIS 1º BARÃO, DEPOIS AS COMPANHIAS DE BONDS. (*Sebastiana vem vestida de homem, como quem chega de um baile.*)

D. SEBASTIANA.—Então tardei muito?...

PITORRA.—Si tardou muito!... Sei lá quem o Sr. é e o que pretende!...

D. SEBASTIANA.—Ah! ah! ah! já me não conheces!... Tem graça!

PITORRA E PIMENTA.—A Sr^a, nestes trajés?...

D. SEBASTIANA.—E dahi?... Não sabem que me chamo também Municipio Neutro?...

PITORRA.—E' verdade... nem de tal me lembrava. Em todo o caso é o primeiro neutro que vejo do sexo masculino...

D. SEBASTIANA.—Estive a noite passadano baile do Visconde de Figueiredo. (*vendo o credor*) O que é aquillo?

PITORRA.—E' um cadaver!

D. SEBASTIANA.—Um crime talvez!...

PITORRA.—Não... um credor que está de sentinella

D. SEBASTIANA.—E' boa! palavra!

(*Entram os Presidentes discutindo entre si*)

1º. PRESIDENTE.—Pois sim!... Eu lhe mostrarei!...

2º. DITO.—Havemos de ver si sou eu ou não quem representa a verdadeira directoria...

1º. DITO.—Ora tire o cavallo da chuva!...

2º. DITO.—Tire o cavallo da chuva, vá elle!... Não seja tolo!

1º. DITO.—Engula o tolo!... engula o tolo immediatamente (*avança para elle.*)

PIMENTA.—Ui! que temos rolo!

PITORRA.—Já não sou d'aqui!

D. SEBASTIANA.—Ora não sejas maricas! Vejamos o que é aquillo!... (*Indo aos dois*). Então o que é isso?... Dois homens limpos dando-se ao espectáculo!

1º E 2º PRESIDENTES.—E' aqui o senhor que quer por força ser o Presidente, quando o Presidente sou eu!

PITORRA.—São dois presidentes...

PIMENTA.—De provincia?...

1º PRESIDENTE.—Não senhor... da Sociedade dos Dez mil...

D. SEBASTIANA.—Conheço a historia...

1º PRESIDENTE.—Ah! conhece? então já vê...

SEBASTIANA.—Vejo que estão perdendo tempo com uma questão que pôde em um momento ser resolvida...

PITORRA.—Cá commigo era anda mão e fia dedo...

1º PRESIDENTE.—E como, não me dirá?...

PITORRA.—Nada mais simples... A sociedade é de dez mil, não é assim?

1º E 2º PRESIDENTES.—E'.

PITORRA.—Pois façam duas sociedades de cinco mil e fique cada um com a sua...

PIMENTA.—Bem lembrado!... E si quiserem fazer cada uma de dous mil e quinhentos... eu me apresento para presidente da terceira turma...

PITORRA.—E eu da quarta, já que a cousa parece tão boa, que os senhores brigam por um cargo que só lhes deveria dar massadas...

D. SEBASTIANA.—O Commendador tem razão...

1º PRESIDENTE.—Qual tem razão, o que!... (*ao 2º presidente*). Eu lhe mostrarei?... (*Sáe*).

2º DITO.—Pois havemos de vêr!... (*Sáe*).

PITORRA.—E lá vão elles damnados!

PIMENTA.—Olhe alli, ó patrão!... Lá vem um sujeito a fallar sosinho...

D. SEBASTIANA.—Todo entusiasmado!...

1º BARÃO (*entrando*). Barão!... estou barão!... Que

gloria para a familia!... (*Vendo os tres*). Ah! meus amigos!... estou barão! (*aperta-lhes as mãos com enthusiasmo e sôe*).

PIMENTA (*indo a acompanhá-lo*). V. Ex. não quer um carro?... Ah! é verdade!... deixei o officio...

PITORRA.— Que faria semelhante typo... para ser barão?

D. SEBASTIANA.— Ai! que tu estás a lèr com os papagaios! E' lá preciso fazer qualquer cousa para isso?... Tu não és Commendador?

PIMENTA (*aparte*).— Só eu não arranjarci uma destas!... Oh! que idéa! (*fica pensativo*).

PITORRA (*voltando-se para Pimenta dá um grito*).— E' ella!... E' ella!... (*sáe a correr*).

D. SEBASTIANA.— Querem vêr que é a filha... Vamos.

PIMENTA.— Uma palavra, primeiro...

D. SEBASTIANA.— O que queres, falla...

PIMENTA.— Eu queria ser commendador...

D. SEBASTIANA.— Tu!... ah! ah! ah!

PIMENTA.— Ah! ah! ah! não senhora... Ha muitos mais tapados do que eu... Por ser cocheiro tambem não, porque deixei o officio e hoje vivo dos meus rendimentos...

D. SEBASTIANA.— E d'ahi? onde queres tu chegar?...

PIMENTA.— Si eu arranjasse uns donativos ahi para qualquer estabelecimento pio...

D. SEBASTIANA.— Não é má lembrança... Justamente... trata-se de fundar a casa de S. José.

PIMENTA.— E' isso! para começar vou alli á loja do José, o qual, por ser José não negará um auxilio á casa de S. José!...

D. SEBASTIANA.— Que José?

PIMENTA.— O José dos...

D. SEBASTIANA.— José dos que? Acaba!

PIMENTA (*atrapalhado*).— O José... aquelle que tem cavallos de corridas... Ha alli grande sortimento de louças e crystaes e talvez que eu agatanhe um apparelho...

D. SEBASTIANA.— Pois vac que eu fico á espera do Commendador...

PIMENTA (*sahindo*).— Então . (*Sáe*).

CREDOR (*accordando sobresaltado*).— Que! Sabiu!... fugiu o tratante?...

D. SEBASTIANA.— Que tratante?

CREDOR.— O meu devedor, que mora nesta casa.

D. SEBASTIANA.— Dahi não sabiu pessoa alguma...

CREDOR.— Pois si tentar sahir, peço-lhe que me acorde... (*Vira para o outro lado*).

D. SEBASTIANA.— Durma descansado... (*á parte*) até que o acorde a policia!...

PITORRA.— (*voltando*) Não era... não era ella!... enganei-me... Minha infeliz filha...

D. SEBASTIANA.— Deixe-se de lamurias agora, e aprecie aquelle outro typo que alli vem a gesticular...

2º BARÃO.— (*entrando*) Barão!... até que emfim! .. Ah! meus amigos... admirem em mim o mais feliz dos mortaes!... Estou barão!... Vou encommendar uma manifestação!...

PITORRA.— Para o Governo?

2º BARÃO.— Essa agora!... Para mim, é bôa! (*sic*)

D. SEBASTIANA.— Conheces?

PITORRA.— Não!

D. SEBASTIANA.— Uma influencia politica de Meia Pataca!

PITORRA.— De meia pataca ou meia tigella?

D. SEBASTIANA.— De uma e outra cousa...

PIMENTA (*Voltando*).— Não arranjei nada... Comecei mal...

PITORRA.— O que é que não arranjaste?

PIMENTA.— Fui alli ao José pedir louça para a casa de S. José, mas o homem estava occupado com cavallos e não me prestou attenção... Havia lá uma grande troça a discutir sobre as proximas corridas... Creio que preparavam um tiro...

PITORRA.— Um tiro?

PIMENTA.— Um tiro... sim... uma musica...

PITORRA.— Vê lá em que ficas: tiro ou musica?

PIMENTA.— Vem tudo a dar no mesmo...

PITORRA.— Não percebo...

D. SEBASTIANA.— Pois percebo eu que não falto ás corridas. Tiro é uma cousa... musica é outra. Tiro é

fazer perder um cavallo bom até que elle possa dar uma tacada...

PITORRA.—Pois os cavallos tambem jogam bilhar?

D. SEBASTIANA.—Pareces tolo?

PITORRA.—Já comprehendi a marosea... adiante... Musica então é...

PIMENTA.—Patota grossa!

PITORRA.—Que grande patifaria!

D. SEBASTIANA.—Ha cada maestro que nem tu imaginas!

PIMENTA.—Quem são aquellas mocetonas que alli vêm?

D. SEBASTIANA.—Não as conheces? São as Companhias de bonds!

PIMENTA.—Conheço-as, mas não tinha reparado bem...já fomos inimigos...

PITORRA.—Inimigos?

PIMENTA.—De certo... quando eu era cocheiro de carro de praça. (*Entram as Companhias de Carris de Ferro*).

CÔRO DAS COMPANHIAS

Eisaquí as companhias
Que rodam todos os dias
Tlin! tlin! tlin! tlin! tlin!
Cada qual melhor quer ser
Mas não ha onde escolher
Tlin! etc., etc.

Se uma acaso é mais decente,
E' tambem mais exigente.
Tlin! etc., etc.

E o Povinho ha de aguentar
Pois não tem p'r'onde appellar!
Tlin! etc., etc.

COMPANHIA
COPLAS

I

Vinde cá, ó passageiros
Não nos façaes esperar
Para nós subir ligeiros
Si quereis ir devagar.
Por ali sabe qualquer,
E de nós nenhuma o esconde,
Não ha nada como o bond
P ra quem pressa não tiver!

(*Fallado*). Peço-vos unicamente que presteis atenção ao seguinte: E' perigoso subir ou descer dos carros em movimento.—E' prohibido descer ou subir dos carros do lado da entrelinha, estando outro carro á vista na outra linha proxima!... Assim, pois, embarcae!

Bispo, Estrella, Itapagipe!
Larangeiras, Catumby!
Pedregulho, S. Januario!
Botafogo, Andarahy!
Praça Onze, Lavradio!
Conde d'Eu, Barcas Ferry!
S. Francisco, Engenho-Novo!
Cajú, Villa Guarany!

TODAS

Bispo, Estrella, Itapagipe!
Etc., etc.

COMPANHIA

II

Si trazeis qualquer embrulho
O bagageiro esperae:
Para evitar-vos barulho

Vosso volume pagae...
Excusada discussão
Não faças pela bagagem,
Pois que já tendes passagem
A dois tostões e a tostão!

(*Fallado*). E não vos esqueçaes de que: Os carros devem parar para os senhores passageiros subirem ou descerem.—As creanças assentadas nos bancos pagarão a passagem. Vinde, pois!

Bispo, Estrella, Itapagipe!
Etc., etc.

COMPANHIA DE S. CHRISTOVÃO (*á de Botafogo*). Olha, mana, quem elle é! (*indica D. Sebastiana que tem descido com os dois á extrema. D. Sebastiana está á frente dos dois*).

COMPANHIA DE BOTAFOGO.—O nosso bom Municipio Neutro!

COMPANHIA DE S. CHRISTOVÃO.—Toque lá esses ossos!

COMPANHIA VILLA-IZABEL.—Venha esse abraço apertado!

COMPANHIA DE BOTAFOGO.—Como vão todos?... Municipio já está boa.

D. SEBASTIANA.—Qual, coitada!... cada vez peior!... Aquillo já não tem cura... Mas o que fazem vocês por aqui?

COMPANHIA DE S. CHRISTOVÃO.—Chegamos de uma reunião em que discutimos os meios mais seguros de evitar os continuos desastres que causamos...

D. SEBASTIANA (*baixo á Pitorra*).—E a Companhia de S. Christovão a mais niquenta de todas: só tem bonds até 1 hora e depois da meia noute não admite meias passagens.

PITORRA (*baixo*).—Que cauila!

PIMENTA (*idem*).—Nem por isso serve melhor aos freguezes.

D. SEBASTIANA.—E õ que motivou tal reunião?

COMPANHIA DE BOTAFOGO.—As reclamações da Imprensa, que em vez de metter-se com a sua vida leva a bisbilhotar a vida alheia...

PITORRA.—Que intrometida.

PIMENTA.—Que desaforo!

D. SEBASTIANA.—E chegaram a algum resultado?

COMPANHIA DE S. CHRISTOVÃO.—Chegamos.

COMPANHIA BOTAFOGO.—Chegamos e não chogamos...

COMPANHIA VILLA ISABEL.—Isto é, vamos a ver si chegamos...

PITORRA.—Algum apparelho?

COMPANHIA BOTAFOGO.—Um apparelho? Deus nos livre de tal!...

COMPANHIA S. CHRISTOVÃO.—Por nossa causa tem sido empregados tantos apparelhos...

COMPANHIA BOTAFOGO.—Nas pernas e braços de nossas victimas...

COMPANHIA VILLA ISABEL.—Que repelimos a idéa de apparelho...

COMPANHIA BOTAFOGO.—E resolvemos...

TODOS (*anciosos*).—E resolveram?...

AS COMPANHIAS.—Cumprir as posturas municipaes!

O CREDOR.—(*que se tem sentado na cama, dando um pulo e vindo ao centro*). Ora bolas!... E' muito mangar com a tropa!

AS COMPANHIAS.—Ah! (*Fogem assustadas*).

PITORRA.—Safa! que susto!

PIMENTA.—Este susto você paga!... Olé si paga!... paga mais depressa do que lhe ha de pagar seu devedor!... (*A uns sujeitos que passam*) Oh! amigos, ajudem-me a levar este Ferrabraz para o xadrez!

CREDOR.—Metta-se com a sua vida...

PITORRA.—E' boa!... quem o mandou metter-se com a nossa?

D. SEBASTIANA (*a Pimenta*) Dizes bem... Xadrez com elle!... é preciso que não pegue este systema de cobrar dividas! Si pegar o Campo da Acclamação vão ficar transformado em um vasto dormitorio!...

PITORRA.—Porque?...

D. SEBASTIANA.—E a Camara

PITORRA.—Oh! diabo!... Tem razão!... Xadrez com este sujeito!...

PIMENTA.—Siga e não bufe!

CREDOR.—E' um desaforo... Protesto!... (*Pimenta e diversos transeuntes levam o Credor e os seus carecos.*)

SCENA III

SEBASTIANA, PITORRA, 3º BARÃO, depois PIMENTA, depois 4º BARÃO.

D. SEBASTIANA.—E o bruto espantou as Companhias!...

PITORRA.—Sympathiso com a Companhia de Bota-fogo...

D. SEBASTIANA.—Quasi todos dizem o mesmo...

3º BARÃO.—(*entrando a declamar*) As armas e os barões assignalados!... Ah!... bem dizia Garret!...

PITORRA.—V. S. está equivocado... não era Garret quem dizia isso... era Camões!...

3º BARÃO.—Tem razão... Segundo estou informado, foi mesmo Camões quem disse... Mas que quer?... A alegria... a satisfação... o orgulho... o contentamento e todos os outros sentimentos equivalentes...

PITORRA.—Tirou a sorte grande, já vejo!...

3º BARÃO Qual carapuça!... Melhor!

D. SEBASTIANA.—Pegou fogo no armazem?!

3º BARÃO.—Upa!... Upa!...

PITORRA.—Foi eleito vereador?

3º BARÃO.—(*com um assobio*) Fio!... Melhor! muito melhor!...

PITORRA.—Melhor do que vereador?... Então confesso que não posso adivinhar!...

3º BARÃO.—Fui agraciado com o titulo de barão!... Barão, eu!... eu, Barão!...

COPLAS

Só ao pensar que estou barão,
Que vou fazer um figurão,
Sinto em mim tal satisfação
Que até não sei si vivo ou não!
Eu era outr'ora liberal

Mas percebi que andava mal,
Virei casaca e facto igual
Barão me fez, que tal!

Eu cá sou muito fino,
E valho até por dois!
Ninguém ha mais ladino
Pois sei o nome aos bois!

Eis-me barão!
Estou satisfeito!
Graças a meu geito
Pude ter tal distincção.

PITORRA E D. SEBASTIANA

Está satisfeito
Graças a seu geito
'Stá barão.

PITORRA.—Oh! Srs.!... isto já é epidemia!

3º BARÃO.—Só quando eu passar pela rua do Ouvidor
todo gangento... a olhar para todos assim!... (*olhar de
desdem*) Ouvindo perguntar na minha passagem: Quem
é? quem é?... E' o barão de qualquer cousa!...

PITORRA.—De qualquer cousa!

D. SEBASTIANA.—Pois o Sr. é o Barão de qualquer
cousa?...

3º BARÃO.—Isso é um modo de fallar... O titulo ainda
não está assentado...

PITORRA.—Veja então um que lhe assente bem...
Por exemplo: Barão de Santa Rita do Brejo de Passa a
Quatro!...

3º BARÃO.—Vou agora mesmo combinal-o com o
Ministro... A quatro... creio que vou bem! A's suas
ordens! (*Sae*)

PIMENTA.—(*entrando e esbarrando com o 3º Barão*)
Não vê por onde anda?

PITORRA.—Não faças caso... está cego de prazer...
E' barão!...

PIMENTA.—Pois que não seja tolo... que eu também hei de em breve ser agradecido!... Já arranjei uma duzia de caixas de lamparinas para seis mezes e um sortimento de linhas e anzóes.

D. SEBASTIANA.—Para a casa de S. José?

PIMENTA.—E então... lá deve haver rio e os pequenos pôdem pescar nas horas vagas... E si não houver rio que houvesse... não tenho culpa... Foi o que por hora pude obter!

PITORRA.—E o homem da conta?

PIMENTA.—Está no seguro.

4º. BARÃO (*entrando*)—Que grande, que immensa, que descommum satisfação...

PITORRA.—Já sei! aposto que não está barão!

4º. BARÃO.—Adivinhou!...

PITORRA.—Pois então favoreça-nos com a sua ausencia... já estamos fartos dessa droga!...

4º. BARÃO (*sahindo*) E' exquisito!... E eu que pensei que todos ficassem satisfeitos com a noticia!

SCENA IV

Os mesmos UMA MANIFESTAÇÃO, depois UM PAE,

PITORRA.—Bem digo eu | é praga!

PIMENTA (*á parte*).—Quando chegará a minha vez?
(*Entra um homem, trazendo na mão uma casa em miniatura e acompanhado de povo*).

PITORRA.—Que é aquillo?

D. SEBASTIANA.—Aquillo?... (*com sorriso maldoso*)
Hum!... Vaes ver...

O POVO.—Viva o Illustre Presidente!

D. SEBASTIANA.—Ouves?... Vão offerecer uma casa ao Presidente da Municipalidade!...

PIMENTA.—Uma casa?... Eis um presente que me casava. Já é de fazer arregalar o olho...

D. SEBASTIANA.—E que vale muito mais do que o copo d'agua do estylo... (*A manifestação tem sahida*).

PITORRA. — Bem dizia eu ha pouco... não ha nada melhor do que ser vereador... Não duvido que esta manifestação seja merecida; mas casos ha em que a auctoridade devia obrigar os individuos que pretendem tal cargo a assignarem termo de bem viver para procurarem occupação honesta... Vereador, minha chara, não é meio de vida!...

D. SEBASTIANA. — Mas tambem, meu charo, não é meio de morte...

PIMENTA. — Deve ser um meio termo...

UM PAE (*entrando muito afflicto*). — Viram-n'os, meus bons senhores, viram-n'os?...

PITORRA. — Aos manifestantes?... Vimos, sim senhor...

PAE. — Quem falla em manifestantes?... Fallo-lhes do rapto e da raptada!...

PITORRA (*ancioso*). — Ah! meu amigo!... E' Deus quem o envia!... Sabe onde elles estão?

PAE. — Ora vá para o diabo! Si soubesse vinha perguntar-lhes?...

PITORRA. — Não haveria mal nisso... sendo eu o pae...

PAE (*avanzando*). — O pae!... O' pedaço de mario-la... A Brigida, que Deus haja, era uma mulher honesta!...

D. SEBASTIANA. — Perdão... ha nisto um *qui-pro-quo* que é preciso explicar...

PAE (*furioso*). — Qual *qui-pro-quo* o que! homem!... Eu fallo de minha filha e este insolente diz que é elle o pae!...

PITORRA. — O senhor ignora talvez... minha filha Chindoca foi raptada... por um vagabundo...

PAE. — E um vagabundo acaba de raptar minha filha Tetéca!...

PITORRA. — Nos meus braços, pae infeliz! (*Abraça-o*).

PIMENTA. — Nos meus braços, infeliz pae! (*idem*).

PAE. — Corro à policia!...

PITORRA. — Para lá corri eu... e por enquanto estou na mesma!...

PAE. — Onde encontral-os, minha Nossa Senhora dos Afflictos!... Onde?... (*Sáe*).

D. SEBASTIANA.— Já vês que não és tu só o infeliz. mal de muitos...

PIMENTA.— E'... consolo é...

PITORRA.— E' o anno dos raptos e dos barões!...

SCENA V

Os mesmos; um photographo, depois um litterato. (*O photographo entra com a competente machina.*)

PHOTOGRAPHO.— Ah! até que enfim, parece que encontro um!... (*á Sebastiana*) V. S. é litterata, pois não?

D. SEBASTIANA.— Nada... não dou para isso...

PIMENTA.— Exactamente como eu... assignei ha dias o Conde de Monte Christo por causa dos bonecos.

PHOTOGRAPHO.— Que pena!... Ah!... mas este illustre cavalheiro (*indica Pitorra*) tem-me cara de pensador...

PITORRA.— Acertou... com effeito penso bastante antes de fazer as cousas...

PHOTOGRAPHO.— Achei! (*Todos estão boquiabertos*). Colloque-se em posição... colloque-se. (*Colloca Pitorra que consente sem saber o que o Photographo pretende, em uma posição grotesca, com pretensões a elegante*). Assim... Elegante posição!...

D. SEBASTIANA.— Elegantissima!...

PIMENTA.— Parece o menino do Passeio Publico!...

PHOTOGRAPHO.— Não se mexa agora!... não se mexa... Olhe para aqui... (*Indica a machina que prepara para photographar Pitorra*).

PITORRA.— O que?... pois quer retratar-me?

PHOTOGRAPHO.— E então?... Não sabe que estou encarregado de tirar o retrato de todos os litteratos que escreverem romances no corrente anno?

PITORRA.— Eu logo vi que o amigo estava enganado! Vá bater a outra porta... Isso de litterato não é comigo... é gatinha com que sempre embirrei... Creio mesmo que foi um dos taes que me roubou a pequena...

Si o encontrar tire-lhe o retrato... mas leve-o para a galeria da policia!...

D. SEBASTIANA.—Si o Illustre artista não fizer mais nada se não tirar o retrato dos litteratos que publicarem romances durante o anno, fecha com certeza a photographia... Ollie!... quer retratar um litterato?... Alli vem um... aproveite.

PHOTOGRAPHO.—Aquelle de gravata encarnada e chapéo desabado?

D. SEBASTIANA.—Justamente...

PHOTOGRAPHO.—Bello typo... tem caia de mosqueteiro...

D. SÉBASTIANA.—E é valente. Teve um duello e fuzou o adversario.

PITORRA.—Furou! Va de retro! Não quero graças com elle!

PIMENTA.—Mas então esta moda de duello pega mesmo?

D. SEBASTIANA.—Pegará se a policia não cumprir o seu dever.

PITORRA.—E o Hospicio tambem.

PHOTOGRAPHO.—Um duellista!... E' o meu homem! Eil-o!... Não lhe digam nada... Fico de parte e pilholhe o retrato... (*Durante a scena que se segue o photographo tira o retrato do litterato*).

PITORRA.—Dirigi-se para nós!

PIMENTA.—Enquanto conversam vou ver se arranjo mais alguns donativos por aqui perto (*Súc*)

LITTERATO (*aos dois*).—O lar senhores meus... um romance que sensação fazer vae... Que lhes offereça, permitiam-me um volume...

PITORRA.—Oh! senhor, pois não! com todo o gosto!...

D. SEBASTIANA.—Com o maior prazer...

LITTERATO.—Definihando, quasi morta jaz a nacional litteratura... Poderoso incentivo, bemfazeja mão, não vem amparal-a... Nos tempos que correm coragem é publicar romances quem, como eu, sente pulsar-lhe no entusiasta peito soffrego coração... O lar é que publico o primeiro livro... embora, porém, fazer época ha-de.

PITORRA (*a D. Sebastiana admirado*).—Que estylo, heim?

LITTERATO.—Quando com me recolho os meus pensamentos, quando com o que se produzido tem comparo o que se agora produz, que pôde a litteratura reconhecer caminhar, desde que pelo ledor seja o autor comprehendido...

PITORRA (*Começando a desapontar*).—Em certos casos talvez seja difficil...

LITTERATO.—Que mal é esse para o autor, que um burro verá no ledor ignorante?

D. SEBASTIANA.—Diz bem; que mal é esse!

LITTERATO.—Não se coaduna a moderna arte com por mais que queira as decrepitudes da que foi arte... Progredir, é força; estacionar não se deve, retrogradar nunca!... Que me faço, creio, comprehender?

PITORRA.—Oh! que duvida! (*à parte*) Nada! que não quero passar por ledor burro!

LITTERATO.—Oh!... que faz aquelle misero vertebrado que alli, com aquella machina photographica, descubro?

D. SEBASTIANA.—Tira-lhe o retrato!...

LITTERATO.—Ah! sim?... (*à parte*) Finjamos não perceber... (*Alto*) Não se pôde ser notavel!... (*Toma uma posição, que supõe graciosa*).

PHOTOGRAPHO.—Oh!.. magnifico!.. agora!.. agora!.. (*Tira o retrato*).

SCENA VI

OS MESMOS, UMA SENHORA DO TOM, DEPOIS PIMENTA.

UMA SENHORA.—(*Entrando e vendo o Litterato n'aquella posição*) Oh! illustre filho das Musas!... que faz aqui em tão assás elegante posição?

LITTERATO.—(*pondo-se à vontade*) Oh!... perdão... Exma... com estes cavalheiros conversava, a quem um volume do Lar... offerecia.

SENHORA.—O Lar... que esplendida producção!... Já o li trez vezes e quanto mais o leio mais me sinto entusiasmada por tão arrebatadoras paginas que se conhecem escriptas por um talento de primeira agua!...

LITTERATO.—(com modestia) Oh!... de primeira não digo... mas...

PITORRA.—(a Sebastiana) Até que o homemzinho encontron uma ledora que o comprehende!

LITTERATO.—Mas a que agradável accaso devo de encontral-a a inefavel fortuna?

SENHORA.—O indiscriptivel calor levou-me até ao Castellões onde sorvi uma dessas pyramides congeladas que o vulgo chama sorvetes...

LITTERATO.—Ah!

SENHORA.—Mandei em seguida embrulhar este kilo de doces de globulos espontaneos da esposa do gallo...

PITORRA.—(sem perceber) De que?... (a Sebastiana) Que diabo de globulos são estes da esposa do gallo? A esposa do gallo é a gallinha...

D. SEBASTIANA.—Pois então?... São ovos!

SENHORA (ao Litterato).—Segue ou fica?

LITTERATO.—Sigo... até á Secretaria vou...

SENHORA.—Ah!... entrou para alguma repartição publica?...

LITTERATO.—Não... de um jornal da tarde sou o Secretario e meo posto espera-me...

SENHORA.— Ah! é verdade... vi no cabeçalho o seu nome... vamos... acompanha-o...

PHOTOGRAPHO.— (apresentando a photographia ao Litterato) Então que tal acha?... Está parecidissimo!...

LITTERATO.— Oh! maroto!... não mostres isso a ninguem!... pois eu sou assim?... (Sae com a Senhora' a quem mostra a chapa discutindo)

PHOTOGRAPHO.— (acompanhando-a) Oh! senhor!... a chapa pertence-me!... Não tenho culpa si...

PITORRA.— Vamos nós ver em que acaba este negocio!

D. SEBASTIANA.— Vamos!... (sahem)

PIMENTA.— (entrando) Bello!... Arranjei quatro maços de torcidas para lampeões e uma groza de ditos de grampos para cabelo... Mais onde diabo estão

elles ? ... (*Olhando em direcção á rua de Ouvidor !*
Ah! vão alli!... Commendador: Oh! Commendador)
(*sae correndo*).

SCENA VII

POVO, OS BURROS E BESTAS, 1º E 2º PASSEANTES. (*O povo reune-se pouco a pouco como para ver alguma coisa extraordinaria*)

1º PASSEANTE.— Lá vem elle !...

2º DITO.— O progresso, hein, Pinto !... Quem nos diria que os bonds haviam de andar sem burros !... (*Passa no meio de aclamações o bond electrico da companhia Força e Luz.— Atraz d'este entram os burros e bestas batendo palmas com grande satisfação.*)

1º PASSEANTE.— Ih! olha a burrada como está contente !...

2º DITO.— Livra algum coice !... (*afustam-se. Os burros descem, depois do bond ter desaparecido*)

CORO DOS BURROS E BESTAS

Hin! hin! hin! hin!
Chegou o bom tempo enfim!
Hin! hin! hin! hin!
O chicote já acabou!
Hin! hin! hin! hin!
Bem pode comer capim
Quem do bond se livrou!
Que companhia de truz!
Viva, viva a Força e Luz!

1º BURRO.— Agora que pretendes tu fazer, ó Ruça ?

1ª RUÇA.— Vou empregar-me em alguma costureira...

2º BURRO.— Pois eu cá vou ver se me matriculo em qualquer academia!

PINTADA.— Eu, como não quero mais sujeições, vou pôr casa por minha conta... Vi ha pouco uma com escriptos na rua Sete, por onde tantas vezes passei puxando o bagageiro...

1º. BURRO.—Pois eu, que de burro não tenho nada, vou dedicar-me á politica, unica profissão que dá a quem não tem e tira de quem tem... Ora, como eu não tenho, hei de fazer carreira...

2º. BURRO—Oh! burro!... pois ainda queres fazer carreira!

1º. BURRO.—Politica? Si quero!

2º. BURRO (*tossindo.*)—E' exquisito!... que tosse de repente!

1º. BURRO (*idem.*)—E' mesmo!... não me sinto bom!

RUÇA.—Ai! que afflicção!... (*Todos os burros parecem incommodados.*)

1º. BURRO.—Corro ao doutor!

2º. BURRO.—Eu tambem! (*O 1º sahe correndo e o 2º acompanha-o*)

RUÇA—Valha-me Nossa Senhora!... Estou muito afflicta!... Vem, Pintada!

PINTADA.—Vamos!... (*Os burros sahem todos a correr, afflictos.*)

1º. PASSEANTE—Oh! Souza Parece que desta vez os burros dão comsigo n'agua!... Coitados!... estavam tão contentes antes de tempo!

2º PASSEANTE.—Vou offerecer-me para tratá-os... Entendo um pouco de veterinaria... Vamos! (*sahem*)

MUTAÇÃO

QUADRO IV

A lei aurea

Na Praça da Constituição

SCENA VIII

(Ao fazer-se a mutação passão ao fundo um grupo de sujeitos que encapellam os individuos que trazem cartola).

PITORRA, PIMENTA, depois UM MANETA
(Pitorra vai a atravessar e é encapellado aos gritos de « Fora a cartola! »).

PITORRA *(cumprimentando humildemente)*.—Muito obrigado!... São favores!... de moços tão bem educados não era de esperar outra cousa!... *(Alisando a cartolla, a Pimenta)* Que desaforo, Pimenta, que pouca vergonha!...

PIMENTA.—Pois o Sr. ainda anda de cartola pelo Carnaval!... Olhe, até as autoridades policiaes não se animam a trazel-a!

PITORRA.—E chama-se aquillo *(indica o grupo que se vai desfazendo pouco a pouco)* as esperanças da patria!... São frescas, pois não!... Naturalmente a uma das taes esperanças é que eu devo o desespero de não encontrar minha filha.

PIMENTA.—E' natural!...

PITORRA (*vendo o relógio*).—Faz-se tarde... Vamos até ao arsenal ver o celebre meteorito do Bendegó!...

PIMENTA.—O', patrão, não me explicará que historia é essa de Bendegó em que toda a gente falla?...

PITORRA.—A coisa não é lá muito facil de explicar para quem como eu não é entendido em historia universal... Do que tenho, porém, ouvido, cheguei á conclusão de que o tão fallado meteorito não passa de uma pedra de ferro cahida do céu por descuido, não sei a quantos annos..

PIMENTA.—Por occasião de alguma chuva de pedras...

PITORRA.—Provavelmente... E como entre nós, quando a moda péga, mesmo, tudo agora é Bendegó... Si até já ha quem traga pedacinhos da tal pinoia no peito da camisa!...

PIMENTA.—Já ó! Neste caso, o patrão, querendo, vá. Eu é que não vou d'aquí até ao arsenal só para ver uma pedra de ferro...

PITORRA.—Uma vez que não queres ir, guardo para outro dia o Bendegó.

UM MANETA (*entrando e dirigindo-se a elles*).— Perdão... sabem dizer-me onde é o Club de Esgrima e Tiro?

PITORRA.—Não sei, não senhor... Sou um cidadão pacifico que não se mette com estas cousas!

PIMENTA.—Sei eu... é alli para o lado da travessa de S. Francisco!... Deseja entrar para elle?

MANETA.—Desejo, sim senhor... Leio diariamente nos jornaes uma lista tão comprida de pessoas que entram... crianças, moços, velhos... E depois posso alguma vez ser desafiado...

PITORRA.—Mas você não vê que é maneta?

MANETA.—Por isso mesmo!... ahi é que está a *cantagem*... Passar bem! (*sáhe*).

PIMENTA.—Ora, o diabo é sujo!

PITORRA.—Que te dizia eu?... é a moda!...

SCENA IX

Os mesmos. UM DEVEDOR depois UM MEDROSO

DEVEDOR (*fora*).— Socorro!... quem me acode!... (*entrando*) Ah! senhores!... livrem-me!... escondam-me!...

PITORRA.— Livrem-n'o de que?... escondam-n'o onde?...

DEVEDOR.— Em qualquer parte!... comtanto que não lhe torne a cahir nas garras!...

PIMENTA.— Nas garras de quem, homem de Deus ou do diabo?...

DEVEDOR.— Eu lhes conto... Devo um conto...

PITORRA.— Nada!... o que você deve é a historia verdadeira... Isso de contos não é commigo... Diga o caso como o caso foi...

DEVEDOR.— Não me entendeu... Devo um conto de réis... Quem é que não deve um conto de réis neste mundo...

PIMENTA.— Eu... que até duvido que exista semelhante quantia!...

DEVEDOR.— O meu credor é um desalmado... Foi ha pouco receber o dinheiro e como eu não tivesse para pagar, injuriou-me... e, não contente com isso, arrumou-me uma tremenda taponal!... Ai, que taponal!...

PITORRA.— Está se vendo... a cara d'este lado está afogueada!...

DEVEDOR.— Vou eu, caio...

PITORRA.— Sobre o credor?

DEVEDOR.— Não, senhor... pela escada abaixo, com um empurrão que elle me deu!...

PIMENTA.— E porque não apitou?

DEVEDOR.— Ai! meu senhor... caio...

PITORRA.— Cahio sobre o credor desta vez!... Ora graças!...

DEVEDOR.— Não, senhor... caio na asneira de apitar... e foi a minha desgraça!... Elle é que cahio sobre mim...

e atracamo-nos... O bruto parecia damnado!... Mordeu-me aqui... e aqui!... e aqui!...

PITORRA.— O que!... Você foi mordido por um credor e ainda está ao pé da gente!... Suma-se!...

PIMENTA.— Afaste-se para lá!...

PITORRA.— Vá imediatamente para o Instituto Pasteur, que se acaba de fundar!...

PIMENTA.— Trate-se quanto antes!

PITORRA.— Olhe que está ahí, está hydrophobo!

DEVEDOR.— Então acha que?...

PITORRA.— Acho que si você não vae immediatamente sujeitar-se aos cuidados do Dr. Ferreira dos Santos, está irremediavelmente perdido!...

DEVEDOR (*sahindo*).— Vou correndo, á vista disto!... Ai, meu Deus! que desgraça para a familia!

PITORRA (*vendo-o sahir*).— Dentada de credor! livra! Antes dentada de cão! (*Ouvem-se fira tiros e vozeria*) Hein?... Que diabo disto é aquillo, ó aquelle?...

PIMENTA.— Sei lá!... Vejo para aquelle lado um grande ajuntamento de agglomeração!... (*Entra a correr um Medroso; tras a physionomia alterada. Dirige-se aos dois, aos quaes falla com grande animação mysterio e gestos exaggerados, indicando o lado por onde veio. — Os dois ouvem-n'o, dando por sua vez mostras de terror. Os tiros continuam*). Sim, hein?... (*Continúa o Medroso mais exaggerado*) Diabos o levem para o inferno!... (*Continúa o jogo de scena*).

PIMENTA.— Olha que brincadeira!... (*O Medroso cada vez mais assustado faz entender que tem filhos e não quer morrer*).

PITORRA.— Ah! Você tem filhos e não quer morrer!... Faz muito bem... (*O Medroso continúa*) Ora o Baptista!... (*Ao augmentar o rumor que parece approximar-se, o Medroso dispara e desaparece*). Seu Pimenta!... ponhamo-nos ao fresco que aqui cheira a chaminusco!... (*Vae sahindo apressado*).

PIMENTA.— Vamo-nos embora! (*Sahem. O rumor vae-se afastando*).

SCENA X

2º PASSEANTE, depois 1º DITO.— Povo, depois a ROLETA e o VISPORA, depois UMA BARRAQUINHA e UMA ESTRADA DE FERRO.

2º PASSEANTE (*entrando, ao 1º que vem do outro lado*)
— Então, Pinto, já sabes das novidades?

1º PASSEANTE.— Sei, sim... cahiu o ministerio...
(*Passa ao fundo uma manifestação aos gritos de « Viva o Conselheiro João Alfredo! »*) Vês?... já applaudem o sol que se levanta!...

2º PASSEANTE.— E quem não o applaudirá si elle promette ser o sol da redempção?...

1º PASSEANTE.— E' então verdade que no programma do novo ministerio figura a abolição immediata?

2º PASSEANTE.— E', sim...

1º PASSEANTE.— Deus o queira.

ROLETA (*entrando, seguida do Vispora*).— Aqui estão dois cavalheiros que hão de dar-nos razão!...

1º PASSEANTE (*ao 2º*).— Quem será?

2º PASSEANTE.— Não sei... Quem quer que seja, veste muito exquisitamente...

ROLETA.— Estão ambos muito admirados e sem sabem quem sou!... Entretanto, aqui o senhor visita-me frequentes vezes...

2º PASSEANTE (*ao 1º*).— Ah! maganão!

1º PASSEANTE.— Minha senhora, ... acredite que..

ROLETA.— Não acredito nada... conhece-me, repito...

VISPORA.— E a mim conhece-me o outro...

2º PASSEANTE.— Eu?...

VISPORA.— Sim, meu caro freguez... Eu sou o Vispora!

2º PASSEANTE.— Oh! diabo!

ROLETA.— E eu a Roleta!

COPLAS

I

Este me conhece bem
Creio mesmo que me adora :
Junto a mim passado tem
Até ao romper d'aurora!
Muito procurada sou,
Não socego um só instante,
Sou, porém, muito inconstante
E a bem poucos sorte dou!
Jogar ! jogar ! ninguém emagina
Como este vício é geral !
Sem rival.
Nesta grande capital
Impera só a Jogatina!

II

Dizem que jogar é bom !
Assim pensa a freguezia !
E muito rapaz do tom
Vive a jogar noite e dia !
Assim a sorte é tentar
Pois o jogo é desculpado
Desde que é o proprio Estado
Quem mais gosta de jogar.
Jogar ! jogar ! ninguém imagina
Etc, etc, etc,

1º PASSEANTE.— E' tentadora !

2º DITO.— Tu que o dizes !...

1º DITO.— Tentadora, sim, mas traidora, ainda mais !
E o que vens fazer aqui ?...

ROLETA.— Ora deixa-me !... Estamos desesperados !
Imagina que as barraquinhas do Campo estão nos tirando
toda a freguezia...

VISPORA.— Graudos e miudos cahem lá indistinctamente e nós ficamos ás moscas!...

ROLETA.—O que peor é, sem miudos!...

VISPORA.—De certo... com os miudos é que eu me arranjo...

1.º PASSEANTE.—Mas ouvi dizer que a policia ia acabar com as barracas...

ROLETA.—Qual historia!... Parte da imprensa protege-as... por causa dos annuncios...

1.º PASSEANTE.—Devêras?... Custa crer...

ROLETA.—Mas é assim... Alli vem uma barraquinha de braço dado com uma Estrada de Ferro, sua companheira inseparavel. (*Entram as duas*)

ESTRADA.—(*á Barraquinha*) Socega, que não hão de fechar-te... Estou eu aqui... e bem sabes quantos morrem de amores por mim.

BARRAQUINHA.—Sim, mas o que havemos de fazer?

ESTRADA.—Annunciarás que não dás premios em dinheiro e sim em prendas...

BARRAQUINHA.—Sim, mas o povinho não quer bonecos...

ESTRADA.—Pateta!... debaixo dos bonecos vão as pellegas...

BARRAQUINHA.—Isso é verdade!...

ROLETA.—(*ao 1.º passeante*) Vês? Os conselhos da Estrada são inspirados por uma folha da tarde.

1.º PASSEANTE.—Mas a folha a que te referes declarou que não tinha nada com as barracas!...

ROLETA.—Ai! que tu ainda tens nos beiços o leite que mamaste!...

BARRAQUINHA.—(*vindo aos dois*) 21 a 30... 91 a 100...

ROLETA.—Sae d'aqui, delambida!...

ESTRADA.—(*puchando a Barraquinha*) Não faças caso... é inveja!... Vamos! temos ainda muito a quem dar de comer...

BARRAQUINHA.—Vamos! (*Sahe*)

ROLETA.—Vamos, tambem, Vispora!... Não as deixemos em paz!

VISPORA.—Olarépes!... (*Sahe*)

1.º PASSEANTE.—Não é que estou fazendo tê com a dezena de 21 a 30?... Vou compral-a...

2º DITO.—Associe-mo-nos... eu fico com a de 91 a 100...

1º DITO.—Está dito!... (*Sahe. O povo começa de novo a affluir e entre elle notam-se negros, creoulas, etc.*)

SCENA XI

PITORRA, PIMENTA, depois o TENENTE CORONEL E O 1º FAZENDEIRO depois DIVERSOS FAZENDEIROS

PITORRA.—Nem novas nem mandados de D. Sebastiana... Começo a perder as esperanças de encontrar a Chindoca... Até o proprio Pimenta está ficando insupportavel com a mania dos donativos... Agora mesmo deixei-o a pedinchar em uma loja de ferragens!...

PIMENTA (*entrando*).—Ah! Commendador!... Que donativo!... Dez kilos de pregos... dois ferros de engommar... dois ditos de tuyaute e seis correntes para cachorro!...

PITORRA.—Não me dirás que applicação podem taes objectos ter na Casa de S. José?...

PIMENTA.—Com isso pouco me dá... o que eu quero é ser commendador!... Ih! que creoulame!...

PITORRA.—Parecem baratas adivinhando chuva!...

PIMENTA.—O caso é que estão livres!...

PITORRA (*gritando*).—E' um attentado!... (*abaixando*). Oh! diabo!... o melhor agora, que está tudo perdido, é ser abolicionista!... (*alto*) Sim!... E' um attentado conservar na escravidão os nossos semelhantes!... (*Apparece d'entre o povo o Tenente-Coronel e o 1º Fazendeiro que escutam. O povo dispersa-se.*)

TENENTE-CORONEL.—Que é que o sinhô tá dizendo pra ahi?... Seu semelhante será... negro é negro!...

1º FAZENDEIRO.—Apoiado!... Vã vê que elle não tem escravatura... por isso falla!...

TENENTE-CORONEL.—Eu bem sei que stamo maiando no deserto...

PITORRA.—Pregando, quer dizer...

TENENTE-CORONEL.—Eu digo o que quero ou o que você qué?... Disse maiando, tá dito...

1º FAZENDEIRO.—Apoiado... maie... seu tenente-coroné... maie!

TENENTE-CORONEL.—Mas elles tão atôa cá co a gente!... Nós tudo era conservado... e si passá a lei... como vae passá... havemo de sê republicano pormode isso...

PITORRA.—Tornam-se então republicanos por um acto que o governo pratica de liberdade?

1º FAZENDEIRO.—Pois antonces?... (*Apparecem successivamente os outros fazendeiros. Todos trazem ponche, botas e chapéos desabados.*)

TENENTE-CORONEL. (*ao 1º que entra.*)—Chegou de proposito, compadre Manoel José... e você, primo Antonio da Tranqueira...

1º FAZENDEIRO.—E você, seu Chico da Encruzilhada... E vocês todo!

TENENTE-CORONEL.—A mardita lei vae ser votada e assignada... Juremo todo que nos havemo de vingã...

1º FAZENDEIRO.—Juremo!

Todos (*menos Pitorra e Pimenta que ficam de parte.*)
Juremo!

CÔRO (*enthusiastico*)

(*Aida*) Guerra! guerra! sem ter compaixão!
Hão de dar-nos a indemnisação!
Guerra! guerra! sem ter compaixão!

(*Polka*) Nós combateremos
E havemos de vencer!
E assim deitaremos
Por terra o poder!

(*A polka é cantada o mais mysteriosa e comicamente possível— Sahem todos dansando*)

PITORRA (*arremedando-os*)

Nós combateremos!

PIMENTA (*idem*)

E havemos de vencer!

PITORRA.—Hão de vencer, mas ha de ser na China!...

PIMENTA.—Ouvi dizer que a Imprensa vae fazer coizas do arco da velha... espectaculos... corridas... prestito e até bailes na rua!... Ainda agora bispei ali uma creoula com quem hei de dansar a 1ª quadrilha no largo no Paço!... Já não a perco de vista... E' só de massidras!... Quebra, yayá!... Machuca, seu Pimenta!... Seu home, não mexa com a gente!... Que pagode!... Então, patrão!... emmudeceu?... O que é que o faz estar tão calado e attento?...

PITORRA (*solemne*).—Calo-me para ouvir bater o coração da patria!...

PIMENTA,—Bonito, *seu aquelle!*... arrepira outra vez!... (*O poco recomeça a affluir*) Olhe!... lá está o meu par!... Vou já tiral-a... Que creoula!... (*Vae ao fundo e começa a fallar com a creoula que diz: «Me deixe, home!... Ué!...» Ouvem-se foguetes e aclamações fóra*)

1º PASSEANTE (*entrando*).—Passou a lei!...

PITORRA.—Passou!... (*áparte*) Já que nao ha remedio!... (*alto*) Viva a liberdade!

TODOS.—Viva!...

PITORRA (*a Pimenta que desce*).—Vamos ver agora si encontramos a D. Sebastiana...

D. SEBASTIANA (*entrando*).—Aqui estou! (*Veste formoso traje representando a Princeza Guanabara.*)

PITORRA E PIMENTA.—Caspite!... Que luxo!...

D. SEBASTIANA.—E' que chegou o momento de mostrar-me tal qual sou!... A Princeza Guanabara... Nada mais tenho que me envergonhe!... Ufano-me, orgulho-me.. Sinto-me verdadeiramente feliz!...

TODOS.—Viva!...

D. SEBASTIANA.— Pois bem, esta princeza formosa e activa que aqui vêdes, prostra-se hoje ante a princeza meiga, boa, generosa, mãe emfim, que não quiz que seus filhos fossem filhos de uma patria de escravos! Salve, Redemptora!

TODOS.— Salve!... (*Rasga-se o fundo para o*

QUADRO V

Apotheose

SALVE, REDEMPTORA !

Brilhante allegoria à lei de 13 de maio. A orchestra executa um trecho brilhante)

CAHE O PANNO

ACTO SEGUNDO

QUADRO VI

O Albergue Nocturno

A scena representa uma sala da Casa de Nossa Senhora da Natividade

SCENA I

POBRES DE AMBOS OS SEXOS, DEPOIS UM EMPREGADO, 1º POBRE,
DEPOIS 1º e 2º VISITANTES.

CORO

A Caridade
Quiz na cidade
Um albergue abrir,
Já tem um pobre
Mesmo sem cobre,
Onde dormir.

EMPREGADO.— Estão contentes, hein?... Boa vida!...

1º POBRE.— Pudera!... Si lhe parece que é qualquer coisa ver-se um homem assim proprietario do pé para mão!

EMPREGADO.— Proprietario?

1º POBRE.— Pois então?... Esta casa é nossa, e de graça, o que é melhor! Isso de dormir ao relento como os cães, ou fazer alguma afim de ter casa na Detenção, não é nada agradável.

1º VISITANTE (*entrando, ao 2º*). Está tudo bem arranjado, Marques... Vou concorrer com o meu contingente...

2º DITO.— E eu. (*Ao empregado*). Queira aceitar isto para auxilio d'esta casa. (*Dá-lhe dinheiro*).

1º VISITANTE.— Tome também.

EMPREGADO.— Obrigado pelos pobres. (*Os visitantes passeiam um pouco e desapparecem*).

SCENA II

OS MESMOS, D. SEBASTIANA E PITORRA

D. SEBASTIANA (*traje de passeio, moda exaggerada*).— Eis-nos no Albergue Nocturno... Vaes convencer-te pelos teus proprios olhos de que és muito pateta!... Pois julgas tua filha capaz de vir asyalar-se no albergue?

PITORRA.— E porque não? O raptor é um vagabundo sem eira nem beira. Não viste o outro que tinha duas (duas, que patife!) encerradas miseravelmente no quarto de uma hospedaria?

D. SEBASTIANA.— Mas uma hospedaria não é um albergue!

PITORRA.— E' peor ainda! O que vale é que os donos de taes casas vão ser obrigados a pagar um imposto pesado...

D. SEBASTIANA.— Semelhante imposto que, como todos, sahirá das costas do contribuinte...

PITORRA.— Algumas vezes...

D. SEBASTIANA.— Servirá apenas para legalisar a immoralidade. Policia rigorosa, e rigorosa severidade, eis o que é necessario.

PITORRA.— Eu também acho... si bem que occasiões ha...

D. SEBASTIANA.—Oh! Commendador!... Um velho, chefe, de familia!...

PITORRA.—Quiz, quero dizer... Eu não quero dizer nada, que é o melhor! Vou perguntar ao empregado pela Chindoca!...

D. SEBASTIANA.—Não faças tal... vaes dar-te ao desfructe... Esperemos e olhemos... Si aqui estiver ha de apparecer...

PITORRA.—E' isso... esperemos. Além de que não temos pressa... e o Pimenta ficou de vir ter comnosco... quando sahir da Estrella do Brazil.

SCENA III

OS MESMOS, DIARIO DE NOTICIAS

DIARIO (*indo a Pitorra*).—V. S. é que é o director do estabelecimento?

PITORRA.—Não, meu claro senhor... sou um simples visitante...

DIARIO.—Talvez que, entretanto, pudesse informar-me...

D. SEBASTIANA (*baixo a Pitorra*).—E' o Diario de Noticias... que quererá?

PITORRA.—Si souber o que o meu amigo pretende...

DIARIO.—Primeiramente vou dizer-lhe quem sou.

PITORRA.—Não é preciso... V. S. é o *Diario de Noticias*... conheço-o pelo *Souvenir*, de quem fui companheiro de collegio.

DIARIO.—Ah! bem... (*endo Sebastiana*) Sua senhora, não?

PITORRA.—Apenas comadre. (*Apresentando-a*). Minha comadre Sebastiana.

DIARIO.—Ah! (*cumprimenta*).

D. SEBASTIANA (*idem, apresentando Pitorra*) Meu compadre Pitorra! (*O Diario cumprimenta*)

DIARIO (*a Pitorra*).—Diga-me una cousa: encontrarei acaso por aqui alguns typographos?

PITORRA.—Typographos? Aqui no Albergue Nocturno?

DIARIO.—E então? Dois arranjei eu no Asylo de Mendigos de onde venho neste momento...

D. SEBASTIANA.—Mas que idéa é esta de procurar typographos invalidos?

DIARIO.—E' que os validos não querem nada comigo... Fizeram grêve... foram para os jornaes e deitaram abaixo assignado contra mim... Si continuarem os apuros por que tenho passado estes ultimos dias, serei obrigado a suspender a minha publicação.

PITORRA.—Não ha de ser preciso... não faltam typographias no Rio de Janeiro...

D. SEBASTIANA.—E ha cada typographo!

PITORRA.—Olhe: disseram-me que a bordo do transporte Purús segue para o norte uma typographia completa... Talvez que o amigo pudesse alli encontrar typographos...

D. SEBASTIANA.—Pelo menos um havia de achar...

DIARIO.—Póde ser!... seja como for, eu hei de empregar os meios... Uma folha de que o publico tanto gosta não ha de morrer assim... As suas ordens! (*cumprimenta e sãc.*)

PITORRA.—E esta! padre! procurar typographos no Albergue Nocturno e no Asylo de Mendigos!

SCENA IV

OS MESMOS, UM DESPRONUNCIADO DEPOIS PIMENTA

DESPRONUNCIADO.—(*entrando a Pitorra*).—Desculpe, meu charo senhor... sabe dizer-me si o Ministro está cá?

PITORRA.—Sahia quando eu entrava.

DESPRONUNCIADO.—Que contratempo!... Preciso fallar-lhe immediatamente! Estou furioso!

D. SEBASTIANA (*baixo á Pitorra*).—Não lhe dês muita trêla... conhece-o... é um desordeiro, destes que tem vulgo!

PITORRA (*idem, receioso*).—Livra!

DESPRONUNCIADO.—Estou furioso, repito!... Imagine que fui despronunciado pelo juiz...

PITORRA.—Dou-lhe os meus parabens!

DESPRONUNCIADO (*furioso*).—Parabens! Vá para o diabo! E' justamente por isso que eu estou damnado.

PITORRA.—Essa agora.

DESPRONUNCIADO.—Graças ao ministro passa-se agora na detenção uma vida de fidalgo. Boa casa, magnifica cama, as mais delicadas iguarias. E é justamente nesta occasião que me despronunciam! Vou queixar-me ao ministro do juiz que assim procedeu!... e depois de haver elle tomado conhecimento de tão escandalosa despronuncia, ai do primeiro sujeito que eu encontrar no meu caminho! Desando-lhe tamanha carga de pão que o deixo estendido... Serei preso de novo e é como *paraste!*... Não vê mesmo que eu hei de trabalhar, tendo casa, cama e mesa de graça e de primeira qualidade?... (*sáhe*)

PITORRA.—Deus queira que não seja eu o primeiro que encontre semelhante desalmado quando sahir da casa do Ministro!

D. SEBASTIANA.—Quanto mais si soubesses que elle tem mais de vinte entradas na Casa da Detenção!

PITORRA.—Não me admira que elle lá tenha entrado vinte vezes; o que me admira é que o Jury o tenha deixado sahir outras tantas.

D. SEBASTIANA.—Felizmente já foi apresentado o projecto reprimindo a vagabundagem.

PITORRA.—Que, como é util, talvez passe para as kalendas gregas.

PIMENTA (*entrando*).—Ai, que alegrão e que tristeza!

PITORRA.—Como assim?

PIMENTA.—O alegrão devo-o ao famoso Fam da Estrella. Imaginem que, lá chegando, encontrei uma daquellas festas que o homem costuma dar em occasiões de regosijo publico e nas quaes distribue donativos e esmolas. Tratou-me nas palminhas, mostrou-me uma casaca que vae mandar para a exposição...

PITORRA.—Uma casaca? E' de muita força!

PIMENTA.—Levou-me depois a uma sala onde comi e bebi como...

PITORRA.—Como um animal?

PIMENTA.—Ia justamente dizer, como V. S. quando come bem...

PITORRA.—Bom... adiante...

PIMENTA.—Disse-lhe ao que ia, e o homem, que para estas couzas é roxo, prometteu auxiliar-me e para começar deu-me seis côrtes de casimira...

D. SEBASTIANA.—Que vaes levar para a Casa de S. José?..

PIMENTA.—Nada! eu levei a outro alfaiate da rua da Constituição para fazer-me seis pares de calças! Pois eu havia de dar para os meninos casimira... uma fazenda tão quente?

PITORRA.—Bem pensado! Basta que lhes dês anzões e torcidas para lampeão.

D. SEBASTIANA.—E o que foi que te causou tristeza?

PIMENTA.—Ah! não me falle! não me falle!... Pois o crup não está dando na marinha?

PITORRA.—O crup!

PIMENTA.—O crup, sim senhor... Li no Jornal do Commercio e o Caixeiro da Estrella disse-me que todos os dias tem vindo: O crup na marinha!

D. SEBASTIANA.—O' grande pateta! tu leste Krupp com k e dois pp... E' um fornecimento de canhões!...

PIMENTA.—Fornecimento de canhões?

PITORRA.—Historias do castismo, aposto!

D. SEBASTIANA.—Canhões de artilharia!... Que idiotas!

PIMENTA.—Ora, ora, ora... e eu que pensei que se tratava dessa molestia que dá na garganta da gente!...

D. SEBASTIANA.—Não é propriamente uma molestia de garganta... mas de bocca... de fogo!

SCENA V

OS MESMOS E A ARISTOCRATICA, DEPOIS UM NAMORADO.

ARISTOCRATICA (*entrando*).—João Alfredo, Cotegipe, Dantas, Prado, Lafayette, Costa Pereira, Affonso Celso, Thomaz Coelho, Vieira da Silva, Nabuco e Ferreira Viana...

PITORRA.—Vem ali todos esses figurões?

ARISTOCRÁTICA.—Não Sr... São os chapéos mais modernos que se encontram na chapellaria Aristocrática, hoje Universal, aqui presente.

OS TRES.—Ora bolas! Que cacete!

PITORRA.—E eu ainda cahi na esparrella!... eu que todos os dias levo o mesmo logro no Jornal do Commercio!

PIMENTA.—Dar-se-ha caso que a madama venha vender chapéos aos hospedes do albergue nocturno?

ARISTOCRÁTICA.—Não venho, não, Sr... Venho á procura do Ministro da Jutiça afim de offerecer-lhe 100 chapéos para a casa de S. José.

PIMENTA (*alegre*).—Ah! S. Ex. não está, mas estou eu que é mesma cousa... Passo para cá os chapéos. (*á parte*) Seis ficam para mim.

ARISTOCRÁTICA.—O Senhor?

PIMENTA.—Eu, sim, que ando angariando donativos para a dita casa.

ARISTOCRÁTICA.—Obrigada. Não gosto de intermediarios. Ás suas ordens! (*Sahe*)

PITORRA.—Desta vez foste logrado.

D. SEBASTIANA.—Fugiu-te uma pechincha!

PIMENTA.—Grosseirona! Deixa estar que perdes-me a freguezia!

PITORRA. | Ah! eras freguez da casa!

PIMENTA.—Freguez propriamente não era... mas ia afreguezar-me si ella me desse os chapéos...

UM NAMORADO (*entrando*).—O empregado?... Onde está o empregado? (*vendo os tres*) Ah! (*dirigindo a Pitorra e Pimenta*) Algum dos Srs. é empregado no Albergue?

PITORRA.— Porque?... deseja alguma cousa?

NAMORADO.— Queria pedir que me deixass hoje ficar aqui...

PIMENTA.— Aqui?

NAMORADO.— Andam atraz do mim... querem recrutar-me

D. SEBASTIANA.— Recruta-o?... Ha então recrutamento?

NAMORADO.— Para mim, pelo menos ha.

PITORRA.— Para o Sr. só? Essa agora é exquisita

NAMORADO.—O caso é este.

D. SEBASTIANA.—Ouçamos o caso.

NAMORADO.—Eu gosto de uma moça que gosta de mim. Vae mamãe não gosta que eu goste da moça! Vou eu gosto mesmo! Que faz mamãe? Vae ao recrutador e diz que não gosta que eu goste da moça, mas que gostaria que elle arranjasse um meio de fazer com que eu não goste da moça!

PITORRA.—Estou gostando da historia!

NAMORADO.—Mamãe levou ao recrutador uma carta de empenho, á vista da qual o homem mostrou empenho em servir-a. «Ah! disse elle, a Sra não gosta que seu filho goste da moça? «Não gosto!» respondeu minha mãe!... «Pois vou mandal-o recrutar e metel-o na fortaleza!» «Gosto disso!» exclamou minha mae... E eis porque eu estou condemnado a ir para a fortaleza! Ah! mas eu gosto da moça! e hei de gostar! Vou fallar ao empregado a versí me deixa ficar hoje aqui! (*Sáhe*)

PITORRA.—*a Sebastina*) Então, dona, que me diz a isto?

D. SEBASTIANA.—(*torcendo o nariz*) Hum! não gosto!

PITORRA.—Souhesse eu que era possivel arranjar destas e a minha Chindoca não seria raptada! Costo!

PIMENTA. (*interrompendo-o*) Olhem para alli? Quanta irmã da caridade! (*todos olham para o lado indicado*)

D. SEBASTIANA.—São irmãs de Nossa Senhora de Lvão que acabam de chegar!

PITORRA.—Vamos ter ensino clerical.

D. SEBASTIANA.—Vamos, e tambem não gosto.

PITORRA.—Nem eu.

D. SEBASTIANA.—Nem ninguém.

PIMENTA.—Mas nós ficamos hoje aqui? Eu não tenho medo do recrutamento.

PITORRA.—Nem eu. Vamo-nos embora. (*Vão a sair e entra a Opinião Publica, velha exquisitona, de oculos azues e touca*)

SCENA V

OSMESMOS, E A OPINIÃO

OPINIÃO.—Perdão, meus senhores... sabem dizer-me si meu marido está cá...

OS TRES.—Seu marido?

PITORRA.—Sei lá quem é seu marido?...

PIMENTA.—Algum mendigo freguez da casa...

OPINIÃO.—Meu marido é um vagabundo porque nem sempre me acompanha, mas não é um medigo... Desgraçados dos senhores si o não conhecem... Elle chama-se Bom Senso!

D. SEBASTIANA.—Bom Senso?... Então a Sr^a é...

OPINIÃO.—A Opinião Publica!

PITORRA.—Assim tão velha e de oculos?

OPINIÃO.—Velha, porque existo desde que o mundo é mundo... De oculos, para que os espertalhões, como vocês, não me lancem pocira nos olhos!

PIMENTA.—Com que, então, é casada com o Bom Senso?

OPINIÃO.—A'parte a vagabundagem, é um marido exemplar... Quando não ouço os seus conselhos dou por paus e por pedras!

—PITORRA.—Pudera!... Opinião sem bom senso não vale dois caracões!

OPINIÃO.—Ando agora muito occupada e queria que o Juquinha...

D. SEBASTIANA.—O Juquinha? Quem é o Juquinha?

OPINIÃO.—E' meu mauido... Em familia chama-o assim...

PITORRA.—Então o Bom Senso chama-se José?

OPINIÃO.—Chama-se, sim senhor... foi elle quem deixou a capa nas mãos da mulher de Putiphar...

PITORRA.—O que com effeito foi um acto de bom senso...

D. SEBASTIANA.—Embora não fosse de bom gosto.

PIMENTA.—Queria então que o Juquinha?

OPINIÃO.—Se soubesse que fez hoje o meu homem.
D. SEBASTIANA.—Como? A Sra. Opinião tem um homem?

OPINIÃO.—Um homem!... Um prodigio!... Uma especie de homem dos sete instrumentos... Um novo —Tien-tien da Flor de Chá... Sabe tudo! vê tudo! faz tudo... (*Cantando*):

Il fourre son nez partout!
Partout!

PIMENTA.—Que pena eu não saber francez...
OPINIÃO.—Ouçam e digam sinão tenho razão!
Todos.—Vejamos!

OPINIÃO

Mal se deita elle desperta,
Não tem vagar p'ra dormir.
Eu que o sigo sempre alerta
Não comsigo seguir!
Nem mesmo pr'a que se coce
Póde elle tempo arranjar,
Si fóra vivo o Bargossi
Com elle aprendera a andar!
Vem semana, vae semana,
Que todos buscam-n'o em vão!
Julgam-n'o em Copacabana
E elle está no Galeão!
A gente que o segue afflicta
Não descansa um só momento
Da colonia do Mesquita
P'ra colonia de S. Bento!
De manhã vae ouvir missa
Na Casa de S. José;
P'ra não dar pasto á preguiça
A' cidade volta a pé!
Não perde o homem minuto,
Vae á Bolsa, ao Arsenal,
Vae de tarde ao Instituto,
Vae á noite ao Club Naval!
Vae depois da Academia

De Medicina a sessão,
Falla sobre cirurgia
Como qualquer cirurgião!
Como a outra da operetta,
Vae a Jacarepaguá
E si estiver de veneta
Tambem a Fernando irá.
Que é homem de mão cheia
Podeis de certo afirmar!
Quer os presos da cadeia
Sustentados a fartar!

PITORRA.— Bravo! Gosto de um homem assim!

OPINIÃO.— Vou ter com elle!... Se querem acompanhar-me!

D. SEBASTIANA.— Vamos! (*Sáhem todos.*)

MUTAÇÃO

QUADRO VII

Casa de Pensão

Salão commum na casa de pensão dirigida pela Arte Nacional. Entrada geral ao fundo. Os bastidores figuram dar para os aposentos sublocados pela dona da casa, do seguinte modo; 1º da direita, para o Theatro Sant'Anna; o 2º para o Lucinda; o 3º para o Recreio; o 1º da esquerda, Pedro 2º e Eldorado; o 2º S. Pedro e Variedades o 3º. Polytheama e a Phenix.

SCENA I

Ao levantar do panno, ouve-se de todos os lados toques de campainha — Entra do fundo a Arte Nacional de avental e mangas arregaçadas.

ARTE NACIONAL, depois EMPREZA do SANT'ANNA o JUCA mais tarde o THEATRO PHENIX depois Mlle. CHOSE.

ARTE (*entrando*) Já vai, gente, já vae! Não me deixam socegar! nem pude tomar ponto na taxada de doce de coco que estou apromptando para o França Junior! (*Toque de campainha no 1º bastidor á direita*) Já vae, Jacintho! já vae! *Vai a sahir; toque mais forte no 3º bastidor á direita*) Aquelle é o Dias toca mais forte Ahi vou, Dias, ahi vou! (*Vae a sahir: toque muito forte no 3º bastidor á esquerda*) Mão! mão! Aquelle é o discipulo do João! Ahi vae Galvão! ahi vae! (*Vae a sahir*)

toque muito fraco no 1º bastidor á esquerda Contente
Ah! é Mlle Lopicolo, do Eldorado!... Essa prefere a todos!... Não fosse eu a Arte Nacional! J'y vais, Lopicolo! j'y vais! (*sahindo pelo 1º bastidor á esquerda*)
Vous em primeiro lugar!

EMPREZA SANT'ANNA.—(*apparecendo*) Onde se mette esta madama que não apparece quando se chama por ella?

O JUCA (*apparecendo e gritando para fora*) Madama meu irmão quer jantar que tem que ir representar o Pedro Sem! (*Desapparece*)

EMPREZA SANT'ANNA.— O Pedro Sem! dar-se-há o caso que o publico vá ver semelhante velharia?

O THEATRO PHENIX DRAMATICA—Minha senhora... Onde está a dona da casa?

EMPREZA SANT'ANNA.—Não sei... tambem estou a espera della.

PHENIX.— Ah!... Eil-a! (*Reapparece a Arte*) Madama, póde arranjar-me uma agulha para eu remendar os meus calções dos *Dois Proscriptos*?

ARTE.— Na gaveta da commoda do lado esquerdo ha um agulheiro...

PHENIX.— Muito obrigado. (*Vae a sahir*) Ah! e verdade... terá por accaso um pedaço de belbutina?

ARTE.— Não... isso não tenho... si quer flanella, encontrará na gaveta do meio uns cueiros usados... que serviram por occasião do nascimento da *Almanjarra*...

PHENIX.— Já que a isso me obriga o trólóló em falta de belbutina... vá lá a flanella... (*Sahindo*) Ah! manes do João Caetano!

EMPREZA SANT'ANNA.— Ora graças que posso fallar-lhe!... Toquei que quasi fiz saltar o badalo e você sem apparecer...

ARTE.— Estava servindo aos outros inquilinos. Mlle. Lopicolo está constipada e fui ajudar Mlle. Chose a dar-lhe um suador!

EMPREZA SANT'ANNA.— Sempre a mesma cousa!... Com os estrangeiros baba-se toda, com os da terra nem caso.

ARTE.— Não te zangues. E's a minha fregueza mais antiga e já tens tempo de conhecer-me bem... Eu faço o que a freguezia quer... Tens gente lá dentro?

EMPREZA SANT'ANNA.— Quasi ninguem... *O Diabo na Terra* está com uma casa fraquissima!

ARTE.— Pois a Lopicolo tem visitas assim. (*Faz o gesto*). Chegam a jogar a tapona! Já vês que isto é o que rende!

EMPREZA SANT'ANNA.— Infelizmente tens razão... Chamei-te para que avises á freguezia que brevemente representarei as *Notas Recolhidas*.

ARTE.— Deus queira que recolhas muitas...

EMPREZA SANT'ANNA.— Vou ensaiar-as! (*Sahe*).

ARTE.— Eu vou mais é tomar ponto no meu doce de côco... (*Sahe*).

SCENA II

O JUCA, DEPOIS D. SEBASTIATA E PITORRA

O JUCA (*Indo examinar para os bastidores*) Vejamos como vão os visinhos... Hum!... o Sant'Anna tem poucas visitas com o *Diabo na Terra*... A *Zarzuela* já se foi... Oh! diabo! chegou o Valle!... Meu irmão não ha de gostar da festa! O Eldorado está apinhado! que pouca vergonha. A Phenix ás moscas! Bello! O Polythema prepara-se para receber os irmãos Amato!... Destes é que eu tenho medo... o publico tem tal predilecção pelos cavallos!... Vou dizer a meu irmão! (*Sahindo por onde entrou*). Elle que trate quanto antes de pôr em scena o *Boulevard da Imprensa*, senão estamos arranjadinhos...

D. SEBASTIANA (*entrando com Pitorra, vestido como no quadro do Albergue Nocturno*).— E' esta a ultima casa de pensão que nos falta visitar... Não é provavel que tua filha esteja aqui, porque não é artista...

PITORRA.— Sim, mas artista era o patife que a raptou!.. E que artista!

D. SEBASTIANA.— Em todo o caso nada perdes com esta visita, pois vaes ver a casa de pensão de Mine. Arte Nacional.

PIRORRA.— Muito me conta! A Arte Nacional com casa de pensão e conhecida por madame!...

D. SEBASTIANA.— E' o que lhe vale, senão (*canta*):

VALSA

Não penses que a Arte
Vive ditosa,
E venturosa
Neste paiz
Nenhuma dita
Goza completa,
E mal vegeta
Sempre infeliz!
Vive triste abandonada,
E p'ra mim, que irrisão!
A pobre ve-se obrigada
A fer casa de pensão!
Residiria em choupana,
Não comeria amanhã,
Sem a opereta magana,
A cançoneta e o caucan!
Não tem amigos,
Não tem parentes,
De expedientes
Vive ella emfim!
Triste dilemma
Sempre a consome,
Ou morre á fome
Ou vive assim!

PIRORRA.— Realmente, é triste! Mas passando a outro assumpto, não me darás noticias do Pimenta, que não tem apparecido?

D. SEBASTIANA.— O Pimenta está sempre na mania dos donativos... meteu-se-lhe em cachola que ha de ser commendador...

PIRORRA.— O diabo é sujo! Querer igualar-se a mim,

a Victorien Sardou, a Alphonse Karr, a Claretie, ao meu senhorio, dono da venda do canto...

D. SEBASTIANA.—Ah! Alli está a dona da casa...
(*Apona para o 2º bastidor à direita*)

PITORRA.—E' aquella a Arte Nacional?...

D. SEBASTIANA.—E'. Vamos saber de tua filha...

PITORRA.—Vamos! (*Sahem*)

SCENA III

ROSITA.—(*só, entrando pelo fundo*) Cá estou! E' impossivel que com esta carinha e sobretudo vestida deste modo não faça um successo louco! Tomei informações e soube que os fluminenses são fanaticos pelas corridas!... Um jockey!... Um cavallo!... Uma poule gorda! Hop! lá! (*Canta*)

A febre das corridas
Ataca toda a gente
Que aos prados vae contente
E o cobre deixa lá,
E p'ra tirar desforra,
Supondo dar no vinte,
No domingo seguinte
De novo volta, olá!
Sao tantos os freguezes,
Acode tanto povo,
Que fica as mais das vezes
O prado como um ovo!
Este possui cavallos
Aquelle outro tem gatos,
Satan bate *Salvatus*,
Que já bateo *Satan*:
The Witch vence agora
E perde de *Uguenote*,
E os dois no mesmo lote
Vem atraz amanhã!
Um homem desaponta
Pois ha cada tramoia

Que a gente fica tonta
E ás vezes não vê boia!
O Jockey-Club esperto
P'ra não levar mais sova
Traçou a raia nova
E a rua fez calçar;
Porem o Derby ainda assim
Vae impavidamente
E, seguindo p'ra frente,
Na ponta quer chegar.

E', pois, impossivel, que nesta terra essencialment^e
sportiva eu não alcance o mais estrondoso triumpho! Lá
está o Polythcama!... Chegae, rapazes, vinde applau-
dir a Rosita de La Plata! Hop! lá! (*Sahe pelo 3^o bas-
tidor á esquerda*)

SCENA IV

PITORRA, D. SEBASTIANA, depois HERODES, depois UM PE-
QUENO DO BATALHÃO ESCOLAR.

PITORRA.—Ah! minha amiga, si fôr verdade!... Si o
bilontra, a quem a Arte se refere e que vinha vizitar
Mlle. Chose, do Eldorado, é o mesmo que raptou a
Chindoca!...

D. SEBASTIANA.—Havemos de descobri-lo...

HERODES.—(*entrando do 2^o bastidor á esquerda*)
Onde estão elles?... Que nenhum escape!... Fedelho
de dois annos para baixo, cabeça fóra!... O menino que
a estrella annunciou não reinará na Judéa!...

PITORRA.—(*assustado, baixo a Sebastiana*) E' um
maluco!...

SEBASTIANA.—Não... é o judeu Herodes que anda
promovendo a degollação dos innocentes...

HERODES.—Nenhum escapará, oh! não!... mas si de
mim escapar, não se livrará no futuro de João Brandão!

O Samuel tomou meu filho como penhor!... idiota!... Eu conseguirei resgatal-o sem pagar os juros da cautela!...

PITORRA.—(a Sebastiana) O desgraçado poz o filho no prego! Palavra! não pensei que fosse tão antiga a invenção dos Samueis!

HERODES.—O Baptista o disse!... Oh! mas eu tive a satisfação de ver-lhe a cabeça suspensa pelos cabellos!

PITORRA.—(a Sebastiana) Eil-o ás voltas com o Baptista cabelleireiro!

D. SEBASTIANA.—Estás doido! O homem falla do Baptista propheta.

PITORRA.—Ora! até o suspenderam pelos cabellos!

HERODES.—(Agarrando um pequeno do batalhão escolar que entra p'lo fundo) Oh! encontrei um!... já te não largo!...

PEQUENO.—Mo deixe, home!... Vou fallar com minha mãe, que é corista do Theatro Sant'Anna!

HERODES.—Tu tens mais de dois annos, patife!... mas pagarás pelos daquella idade que não apparecem!

PITORRA.—Oh! seu! largue o pequeno que é do batalhão escolar do Commendador Rosario!

HERODES.—Nunca!... Irá commigo para o templo de Jerusalem... Eu tenho fome de creanças!... (Sahe pelo fundo arrastando o menino que chora)

PITORRA.—Você vae mas é para o Hospicio de Pedro II ou para o xadrez da policia!

D. SEBASTIANA.—Está damnado!

SCENA V

(OS MESMOS, ARTE. DEPOIS COMPANHIA MUSELLA
e SANJO ANTONIO)

ARTE (entrando da direita).—Ah! ainda cá estão? Fizeram bem em esperar porque ahi vem a companhia Musella...

COMPANHIA MUSELLA (*entrando do fundo e dirigindo-se á Arte.*)—Sabes? Estou cansada de andar e quasi nada consegui. Decididamente o publico não me dispensa a sympathia que eu me suppunha com direito de esperar.

ARTE—Não desesperes... Quero apresentar-te a duas pessoas distinctas que talvez se resolvam a fazer alguma cousa em teu favor. (*Falla-lhe baixo*)

PITORRA (*a D. Sebastiana, tirando uma brochura do bolso.*)—Vou impingir-lhe um discurso do Orador Popular... (*Folheando*) Onde estarão os discursos para apresentações?

D. SEBASTIANA.—Oh! não! tem pena de nós! (*Obriga-o a gurdar o livro.*)

ARTE (*apresentando a Companhia pela mão*) A modesta e despretenciosa Companhia Musella... a 50\$000 os camarotes e a 10\$000 as cadeiras de 1º classe... Minha amiga D. Sebastiana e o amigo de minha amiga o Senhor Comendador Pitorra... (*Cumprimentam-se.*)

PITORRA.—Tenho immenso prazer em conhecê-la. Si bem que, para modesta e despretenciosa, acho seus preços bastante salgaditos...

COMPANHIA.—Não são, creia... e si não ouça. (*Canta um pot-pourri de diversas operas, sendo durante o canto interrompida por apartes de approvação e reprovação de Pitorra e Sebastiana*) Então?

PITORRA.—Hum! Assim!... Já vi peor!

COMPANHIA.—Venham commigo... Ouçam uma opera completa...

PITORRA.—Fica para depois... não faltará occasião...

D. SEBASTIANA.—Os tempos andam tão sumiscarunhos!

COMPANHIA (*a Arte*),—Vês? todos me abandonam; (*com um grito*) Ai que afflicção!... Sinto-me cada vez peor!... Valei-me Santo Antonio!

SANTO ANTONIO (*entra do Recreio*)—Aqui estou, filha

Não se arreceia de nada
Aquelle que leva a vida
Pela virtude medida

COMPANHIA.—E justamente o que me faz tremer, frade! eu não tenho sido virtuosa... não tenho cumprido os meus deveres...

SANTO ANTONIO.—Donzella...

ARTE.—Ella não é donzella, frade.

SANTO ANTONIO.—Ah! não importa.

PITORRA (*a D. Sebastiana*).—Como não importa? Então elle acha que não importa? Eu como pae da chindoca protesto!

SEBASTIANA.—Calate!

SANTO ANTONIO.—Vem... eleva teu espirito a Deos! não te abandonarei... Quem sabe? Porque pode tudo é que o Todo Poderoso.

COMPANHIA.—Ampara-me.

ARTE.—(*amparando-a, aos dois*) Coitada! E' a divide que a mata! (*Kinsman, o Salvador, apparece ao fundo e pára*)

SCENA VI

(OS MESMOS KINSMAN O SALVADOR, QUE SAHE E VOLTA DEPOIS.)

PITORRA.—Talvez que um caldo...

ARTE.—Qual! Aqui só muito xarope de nikel! (*a Sebastiana*) Ajuda-me a leval-a para o seu quarto... Vamos desapertal-a... (*Sahem as tres*).

KINSMAN, O SALVADOR.—(*de casaca, gravata branca e luvas*) O' nó nó morrerás assim!... A sciencia não é uma palavra vã!... Hei de salvar-te! (*Entra por onde entraram as tres*)

PITORRA.—Quem será este Esculapio de casaca?

D. SEBASTIANA.—Lá a deixei com o Dr. Kisman, o Salvador.

PITORRA.—E' bom medico?

D. SEBASTIANA.—Pelo menos é da Academia de Club Beethoven...

PITORRA.—Ah! então é especialista!...

D. SEBASTIANA.—Mas não tomou parte no Congresso Medico, que ultimamente se realizou terminando por um lunch...

KINSMAN, o SALVADOR.—(*reapparecendo*) O estado da doente é bastante grave... o dividite tende a generalisar-se e progride em marcha deveras assustadora! os canaes que communicam bolso com o aparelho credor, em consequencia do atrophia da mesma bolsa, não podem dar passagem ao liquido que satisfaz as necessidades do dito aparelho...

PITORRA.—(*muito espantado*) Sim, hem?

KINSMAN, o SALVADOR.—Em summa, todos os symptomas são atterradores!

D. SEBASTIANA.—Pobre Companhia!

KISMAN, o SALVADOR.—Ah! si ella o não fosse estaria salva!... Mas eu ainda não perdi a esperanza... Vae reunir em conferencia os collegas Camarate, Castro Filho, Dermeval e Guanabarino e veremos o que se pode fazer...

PITORRA.—Porque não consulta o espiritismo?

KISMAN, o SALVADOR.—Ora, meo amigo, viva! (*Sahe pelo fundo*)

D. SEBASTIANA.—Espera-me aqui... vou ver si a doente está melhor...

PITORRA.—Eu vou tambem... (*Sahem os dois para a esquerda, 1.º plano*)

SCENA VII

AS VIUVAS, depois o JUCA

(*As viuvas entram com precaução, como procurando
alguem*)

CÓRO DAS VIUVAS

Ai! gentes! que é delle o Juca?

Onde é que o posso encontrar?

Ai! gentes! fico maluca

Si o Juca me não fallar!

Ai! Juca, meu bem,

Quindins de Yayá,
Si Você não vem
Permitta que eu vá.

JUCA.—(*entrando*) Quem me chama? (*vendo as viúvas*) Já tardavam! meu irmão sempre tem idéas!

1.^a VIÚVA.—Eil-o!... Ai, seu Juca! (*Corre para elle Todos o cercam*)

VIÚVAS.—*Seu Juca!* Aqui estamos nós...

JUCA.—Eu tambem aqui estou...

1.^a VIÚVA.—O Sr. bem sabe... ha tantos embarços na vida de uma viúva honesta...

2.^a VIÚVA.—A gente custa tanto a educar os filhos...

1.^a VIÚVA.—Mentira, *seu Juca!* ella não tem filhos!.. Eu, sim, tenho quatro!... O menor vae fazer um anno para o mez que vem...

JUCA.—Está bom... pouco me importa a edade do pequeno... Vocês querem esmolas... é melhor pôr logo a cousa em trocos miudos...

VIÚVAS.—E', sim, senhor... é...

JUCA.—Venham commigo á venda da esquina...

1.^a VIÚVA.—A' venda da esquina?... nenhuma de nós vem tomar refresco...

JUCA.—Quem lhe falla em refresco, senhora? Vou trocar dinheiro... Vamos...

AS VIÚVAS.—Vamos! (*Cantam; fazendo festas ao Juca e sahindo com elle*)

Ai! gentes, gosto do Juca,
Pois como elle outro não ha!
Meu Deus! eu fico maluca!
Ai, Juca, você me dá?

SCENA VIII

PITOTRA, SEBASTIANA, depois 1.^o DELORMISTA, depois 2.^o DELORMISTA. Mais tarde um MARINHEIRO DA GRAN-VIA E DELORMISTAS.

PITORRA (*entrando a Sebastiana*).—Hum! não creio que escape!

D. SEBASTIANA.—A Deus e ao publico nada é impossivel...

1º DELORMISTA (*entra cautelosamente, olhando para todos os lados e trazendo um bouquet na mão e uma rosa branca na boutonniere. Chegando em frente ao bastidor que conduz ao Recreio, olha para dentro, faz um gesto de de enthusiasmo e grita.*) Viva a Delorme! (*Entra.*)

PITORRA.—O que é aquillo?

D. SEBASTIANA.—Um delormista.

PITORRA.—Um que?

D. SEBASTIANA.—Delormista... Não sabes que no Recreio ha o partido da Delorme e o da Bellegrandi?

PITORRA.—Ah! então aquelle é da Delorme?...

D. SEBASTIANA.—E'... (*vendo entrar o 2º Delormista.*) E aquelle tambem... (*O 2º Delormista faz o mesmo que o primeiro.*)

2º DELORMISTA.—Viva a Delorme! (*Entra.*)

PITORRA.—Mas o que faz esta artista para ter tantos enthusiasmas?

D. SEBASTIANA.—Vaes vêr. Chama commigo: A'scena a Delorme!

PITORRA.—A' scena a Delorme! (*A orchestra executa o coro dos marinheiros da Grande Avenida. Entra um marinheiro da Grande Avenida, imitando a actriz Delorme. Acompanha-o grande numero de Delormistas.*)

O MARINHEIRO (*canta*)

Ides vêr qual o processo
Do gentil marinheirinho
Que para fazer successo
Possue este trabalhinho!
Vejo o publico exaltar-se
Quando me contempla assim!
Isto é que pôde chamar-se
Trabalhar sobre marfim!
Que as outras se ralem,
Que de inveja fallem,
Que de raiva estalem
Bem me importo eu!
Não lhes devo nada,

Sou muito estimada,
Muito festejada,
Pois mostro o que é meu!

(Sáhe com a marcha, seguida dos Delormistas que a applaudem e acclamam.)

DELORMISTAS.—Bravos á Delorme!

PITORRA.—Sim, senhor!

Isto é que póde chamar-se
Trabalhar sobre o marfim!

Esta eu já vi... e a outra?

D. SEBASTIANA.—A outra foi para o Para, mas volta ali...

PITORRA.—Para o Para? que lhe aproveite a viagem... Mas, em summa, na tua opinião, qual dellas é melhor?

D. SEBASTIANA.—Homem, ambas são melhores... conforme o ponto de vista...

SCENA IX

Os mesmos, UM ENGENHEIRO, depois o JUCA, que logo sáe, mais tarde KINSMAN, o SALVADOR, logo depois a COMPANHIA MUSELLA E POVO.

O ENGENHEIRO *(sahindo do 1º bastidor á esquerda, para dentro)*. E' isso, é!... Luz electrica... lampadas de azeite... tela metallica, varandas de ferro no exterior... poucas entradas para difficultar o ingresso do fogo... e muitas sahidas para facilitar a fuga dos espectadores... E tudo isto emquanto o diabo esfrega um olho!... *(sahindo pelo 1º bastidor do lado direito)*. Vou fazer igual recommendação aos outros...

PITORRA.—Conheces?

D. SEBASTIANA.—E' um dos membros da commissão nomeada para indicar as medidas preventivas dos incendios nos theatros...

PITORRA.—E quer tudo aquillo, fogo, viste linguica?

D. SEBASTIANA.—Olha... lá vem elle outra vez. (*O Engenheiro torna a dirigir-se para o 1º bastidor á esquerda para onde falla*).

ENGENHEIRO.—E' verdade... esqueci-me de recomendar que conserve duas cadeiras permanentes para a commissão... Passar bem! (*Torna a ir para o bastidor da direita*)

PITORRA.—Esta é melhor! para que quer a commissão duas cadeiras permanentes?

D. SEBASTIANA.—E' boa! Para poder communicar á policia, no dia seguinte a cada espectáculo, que não houve incendio na vespera.

PITORRA.—Oh! que dedicação!

JUCA.—Meu irmã o vacficar contentissimo!... Achei uma cantora... com um nome arrevezado... Que pechincha! (*Entra no 3º bastidor á direita*)

D. SEBASTIANA.—O Juca...

PITORRA.—Conheço... já me passou um beneficio...

KINSMAN.—Onde está ella?... onde está ella? (*Veste da cintura para cima á corte, e da cintura para baixo de caboclo. Traz uma rabecca*).

PITORRA.—Que figura!

KINSMAN (*para o 1º bastidor á esquerda*) Vem mia cara, estás salva!...

COMPANHIA MUSELLA (*entrando*).—Será possivel?...

KINSMAN.—E', sim... O Guarany te salvará!... Duvidas?... experimentemos?... Faze um esforço!

COMPANHIA.—Vá lá! (*Cantam comicamente o duetto do Guarany. Durante o canto vão entrando varias pes- que mostram gastar*).

PITORRA (*á Companhia. durante o canto*).—Coragem!... a freguezia já yae chegando!... fogo na can- gica!

D. SEBASTIANA (*a Kinsman*).—Bravo! doutor!... applique-lhe os calomelanos! (*Terminado o canto, todos applaudem a Companhia Musella, felicitando-a*).

KISMAN.—Estás salva! (*Ouven-se applausos dentro*).

SCENA X

Os inesosos, a ARTE NACIONAL, depois os CAPADOCIOS DO BOULEVARD DA IMPRENSA.

ARTE (*muito contente*).— Ah! que successo! que successo!

PITORRA.— Graças que vamos ter uma boa producção nacional... Vejo a Arte tão satisfeita...

ARTE.— Temos, sim... o *Boulevard da Imprensa*.

PITORRA.— Ora!

ARTE.— Ora, não senhor!... E' porque não ouviu o lundú dos capadocios! Um delirio! (*Para dentro*) O' Juca, manda cá fóra os capadocios do Boulevard.

KINSMAN.— E' infecto! saiamos!

COMPANHIA.— E é a arte quem assim procede! Vamos! (*Sahem pelo 1.º bastidor á esquerda*).

ARTE.— Vão vel-os!... Ah! vem elles! (*Entram os capadocios do Boulevard que cantam o lundú*).

1º CAPADOCIO

Pé de boi é mão de vacca,

Mão de vacca é mocotó,

Bacalhau não é garopa,

Quingombô não é giló,

Ai de mim! ai de você!

Ai! seu bem! ai! de nós dois!

Ai! de mim primeiramente

Meu bem, vamos morrer?

Ai! de você ao depois!

CORO

Ai! de mim, etc.

2º CAPADOCIO

Vamos ao jardim do campo

Que é hoje o jardim do tom

Quando eu entrar na cascata

Voce verá o que é bom !
Ai ! de mim, etc.
Vamos subi no Elevadô ?

CORO

Ai ! de mim, etc.

3º CAPADOCIO

Quando estiver desgostoso,
Quando quizer me matar
Eu hei de escolher a cova
Para você me enterrar!
Ai ! de mim, etc.
Vamos fazer uma conta de sommá ?

CORO

Ai ! de mim, etc.

PITORRA.— Eu tambem quero deitar minha cantiga !
(*Toma um violão.*)

Eu tenho um dedo mindinho
Que conhece bem você,
E me diz que você gosta
Gosta mesmo como quê!

PITORRA

Ai ! de mim ! ai de você !
etc., etc., etc.
Eu tenho brocha de pixe !

CORO

Ai ! de mim ! ai de você !
etc., etc., etc.

(*Os capadocios sahem.*)

D. SEBASTIANA.— Tudo isto é muito bonito, mas eu gosto muito mais do Coquelin !

ARTE.— Pois não parece... tens vindo bem pouco vel-o...

D. SEBASTIANA.— Eu? não ha tal!... (*Chamando para o 1º bastidor á esquerda*). Monsieur Coquelin! Venez ici, s'il vous plaêt! (*A' Arte*) Elle vai affirmar-lhe o contrario.

ARTE.— Tu o chamas porque sabes que elle foi para S. Paulo.

SCENA XI

OS MESMOS, MLE. CHOSE

MLE. CHOSE (*entrando a correr*).— Mr. Coquelin est absent. Mais, si vous voulez une chansonette me voilà!... Attention!

D. SEBASTIANA.— Nada! isso de cançonetas é comigo... Faço collecção?... (*Canta uma cançoneat*).

ARTE.— Bravo! E' muito interressante! (*Beija-a e abraça-a. Todos applaudem*).

PITORRA (*a D. Sebastiana*).— Tenho notado que a Arte Nacional tem grande predilecção para a bregeirice...

D. SEBASTIANA.— Não se lhe pôde exigir melhor procedimento. Não viste como cahio o projecto do Affonsinho?...

PITORRA.— Tens razão. A pobre precisa viver, e não ha de ser com a *Liga* ou com *As Guerras do Alecrim* que ella ha de fazer Monte Pio para a familia...

SCENA XII

OS MESMOS, UM EMPREZARIO CUMPRIDO, depois o 2º

EMPREZARIO (*entrando do fundo*).— Estão todos contentes e eu não faço nem para o gaz! mas arranjei uma revista que não lhes conto nada!

D. SEBASTIANA.— Uma revista?... Dou o cavaquinho pelo genero!... E como se chama?...

EMPREZARIO.— Agora não tenho tempo para dizer-lhe o nome... Quando tiver uma hora disponível dil-o-

hei... Vou ensaiar-a... (*Entra no 2.º bastidor á direita*)

PITORRA.—Uma hora para dizer um nome!... E' então um nome de meia legua!

D. SEBASTIANA.—Pelo menos... porque, andando regularmente, anda-se uma legua por hora!

O 29 (*entrando do fundo a declamar*) Não ha perdão para a filha indigna que não soube cumprir os seus deveres!... Não ha perdão para o ingrato que não teve dó do seu velho camarada!... (*Entra no 2.º bastidor á esquerda*).

ARTE.—Acompanho-te, velho amigo, a ti que nunca me abandonaste. (*Sicé atraz d'elle*)

PITORRA.—Quem é?

D. SEBASTIANA.—Nem tu conheces outra pessoa. E' o 29 que vae dar um tiro no theatro de S. Pedro!

UMA VOZ.—Vamos ao 29! Viva o 29!

TODOS.—Viva! (*Sahem pela mesma bastidor*)

OUTRAS VOZES.—E nós vamos ao « Fecha! Fecha! »

MLLE. CHOSE (*a Pitorra*).—Allons au Eldorado. Je vais chanter: « En r'v'nant de la r'vue! »

PITORRA.—Non, madame, je vais *procurer* ma fille qui a eté *furtée* pour un *patife*!

MLLE. CHOSE.—Oh! (*Sahe.*)

D. SEBASTIANA.—Vem...

SCENA XIII

Os mesmos, GAZETA DE NOTICIAS

GAZETA DE NOTICIAS (*entrando como atterrada pelo remorso*).—Matei-a! seu cadaver jaz na casa isolada da Tijuca! Abri-lhe sobre o peito com a ponta do punhal uma cruz latina... Deixei os moveis em desordem de modo a fazer crêr que houve lucta entre o algoz e a victima! Pobre Madame Torpille.

PITORRA (*segurando-a pelo pulso*).—Que fizeste, desgraçada?

D. SEBASTIANA (*agarrando-lhe o outro pulso e puxando um apito*).—já te não l'argo, assassina! A policia ha de tomar-te contas!

GAZETA.—Não sejam patetas! Madame Torpille é um romance que'eu vou publicar com gravuras, e ha de ser uma comedia que dois dos meus meninos vão fazer...

PITORRA.—Minha senhora, permitta que lhe diga: com cousassérias não se brinca! Em vez de pregar d'estes logros ao respeitavel publico, era melhor que descobrisse onde pára minha filha, que foi raptada por um bilontra!

GAZETA.—Ora, meu charo, eu faço o que me convem e não o que lhe agrada! Em compensação do logro que preguei, vou dar-lhes uma grata noticia. O Imperador do Brazil, restabelecido da gráve molestia que fez perigar sua vida, regressa á patria que tanto estremece e por quem é tão estremecido!

PITORRA.—E é a senhora quem o annuncia!

GAZETA.—Projectam-se grandes festas para recebê-lo. Só a Rosenwald leva vinte contos para preparar a Praça do Commercio.

PITORRA.—Vinte contos! Uma sorte grande! Vou abrir tambem uma subscrição para entfeitar o quartelão onde móro. (*Ouvem-se salvas.*)

D. SEBASTIANA.—Sabes o que estas salvas annunciam? Que entra no porto o vapor que conduz á patria Sua Magestade o Imperador e o anjo de amor e dedicação que Deus lhe concedou por esposa, a mãe dos brasileiros. Venham vêr como ee recebo o nosso rei!

PITORRA E GAZETA.—Vamos!

MUTAÇÃO

QUADRO VIII

O regresso a Patria

(A rua Primeiro de Março illuminada por occasião das festas da chegada do Imperador.—Fogos.—Povo.—Quadro animado.)

CAHE O PANNO

ACTO TERCEIRO

QUADRO IX

Fructas do anno

Na praça de Pedro II

SCENA I

(A um lado da Praça apparece parte do carro do Homem dos canivetes, em torno do qual o povo se agglomera)

POVO, O HOMEM DOS CANIVETES. depois OUTRO HOMEM DOS CANIVETES, 1.º. COMPRADOR, 2.º. DITO.

O HOMEM DOS CANIVETES.—Respeitavel publico!... Estes canivetes são la plus sublime invencion del sieclo!.. tenemos aqui uma tesoura!... tenemos aqui... una faca para papel... tenemos aqui una saccarroilhas!... tenemos aqui una serra... Não és um canivete!... és una ferramenta completa!... Corta papel!... corta vidro!...
(*Mostra o que diz*)

ALGUMAS PESSOAS.—(*Amiradas*) Oh!

O HOMEM.—Ha por ahi quem venda canivetes falsificados... estes são legitimis!... los falsificados não são!...

1.º COMPRADOR.—Bôa duvida!

O HOMEM. Como me demoro poucos dias nesta bella cidade hei resolvido fazer grande abatimento no preço

destes magnificos canivetes!... Ainda tenho cinco mil... que venderei a um mil reis!... Las personnes que los tem comprado a dous mil reis, ora podem comprar a um mil reis...! Vamos a isso... A um mil reis!... (*Todos compram canivetes. O carro desaparece acompanhado de varias pessoas que compram canivetes.*)

O OUTRO HOMEM.—(*entrando e parandd no meio de um grupo*) Tenemos aqui los verdadeiros canivetes de grande utilitá!... la plus sublime invencion del sieclo!.. Tesoura, faca de papel, serra, sacca-rolhas!... São estes canivetes los unicos verdadeiros!... Los outros que se venden por ahi são falsificados!... Para acabar estoy resolvido a vender los ditos canivetes a um mil réis!... Olha caniventes a um mil réis!... (*Faz a sua venda, sahindo tempo depois*)

1.º COMPRADOR.—(*ao 2.º*) Faça mais fé com os canivetes do outro.

2.º DITO.—Pois eu não!

1.º COMPRADOR.—Pelo menos andam de carro, emquanto estes andam a pé...

2.º DITO.—A semana passada comprei um por dois mil reis, e já está peor do que una faca velha!

SCENA II

Os mesmos, BARONEZA JELLA VON SEEKENDORF, DOIS AGENTES

1.º AGENTE.—Tenha paciência, madama!... ha de ir até á policia!

BARONEZA.—(*vestida de homem*) Mas, senhor, eu sou a Baroneza Iella Von Seekendorf!

1.º AGENTE.—Não venha para cá com esses nomes de caixa de phosphoro, que não pega, madama coisa! (*Algumas pessoas se approximam, entre ellas o 1.º e o 2.º comprador*)

1.º COMPRADOR.—(*ao 2.º*) Uma mulher vestida de homem!

2. DITO.—E' a baroneza do circo!... Melhor baroneza do que amazona!

BARONEZA.—Então nesta terra não pode uma pessoa andar á sua vontade?...

1. AGENTE.—Com vestuario do outro genero, não Senhora... isto só no Carnaval!... Vamos ao delegado de semana!

BARONEZA.—Mas eu sou uma mulher...

1. AGENTE.—Por isso mesmo não deve querer passar por homem...

BARONEZA.—Tenho feito isso tantas vezes...

1. AGENTE.—Em sua terra pode ser' aqui não!

BARONEZA.—(aos *circumstantes*) Senhores, ouçam-me e vejam si me livram destes homens! (*Canta*)

Baroneza sou muito afamada,
Amazona gentil sou tambem,
Na minha arte sou muito adestrada,
Como eu monto, ai! não monta ninguem!
Que mal faz que por homem me tomem?
Cada qual pôde andar como quer!
Antes uma uma mulher ser um homem
Do que um homem, meu Deus! ser mulher!
Assim, pois, não me levem presa!
Quem me visse presa o que diria?
Si isto faço é por natureza
Que me fez travessa e reinadia

1. AGENTE.—Sim, senhora... tudo isto é muito bonito, mas guarde a cantiga para a policia... Lá se poderá entregar a exercicios de equitação... Temos ordem de leva-la e vae mesmo!

1. COMPRADOR.—Vá, minha senhora... uma vez explicada a cousa...

BARONEZA.—Emfim vamos lá... quero ver o que o delegado me ha de fazer! (*Sahe, acompanhada pelos agentes*)

1. COMPRADOR.—(ao 2.) Ficas?

2. DITO.—Não. Vou ao Jardim Zoologico levar uma paca e uma queixada.

1º DITO.— Bravo!... Vaes figurar nas lista dos fornecedores de bichos!

2º DITO.— Levo-te commigo, queres?

1º DITO.— Vá lá!)*Sahem*).

SCENA III

PITORRA, PIMENTA, depois Um INDEMNIZADOR, depois D. SEBASTIANA a frente de uma malta de CAPOEIRAS. POVO.

PITORRA.— Nada, seu Pimenta, esta é a ultima conferencia a que assisto... Perdi as esperanças de encontrar minha filha, mas não é esta uma razão para suicidar-me assim lentamente! Não ha quem resista a tantas conferencias repetidas! São conferencias do Patrocínio contra os chins! São conferencias do Silva Jardim, que é pequenino, mas levado da carépa... Ainda agora eu estava a ouvil-o e a lembrar-me daquelles fazendeiros...
(*Canta*)

Nós combatemos
E havemos de vencer!...

PIMENTA
E assim deitaremos
Por terra o poder!

PITORRA.— Cumpriram a palavra... são todos republicanos... enquanto não obtiverem a indemnisação...
(*entra o Indemnizador.*)

INDEMNIZADOR.— Indemnização? quem fallou ali em indemnização? Indemnização é commigo!

PITORRA.— Safa! que susto! De onde sahiu este homemzinho que escuta as conversas alheias?

INDEMNIZADOR.— Não escuto. Passava e ouvi fallar em indemnização!... Ora como eu tenho um projecto de indemnizar os senhores de escravos que foram esbulhados...

PITORRA.— Ebulhando por seu turno o thesouro...

INDEMNIZADOR.— Ah! o senhor é tambem desses que fallam contra a justa indemnização? E' porque não leu o meu projecto que já foi publicado.

PITORRA.— Ah! é um que sahiu hoje no *Jonal r*?

INDEMNIZADOR.—E', sim, senhor.

PITORRA.—Li, pois, não! li até em voz alta aqui para o amigo Pimenta...

PIMENTA.—Por signal que eu achei a tal indemnização um maná de frigideira para os ex-senhores!... Que negocio gordo!

INDEMNIZADOR.—Ora, cebolorio!... E eu a dar trêla a quem não entende destas cousas! Pois affirmo-lhes que a indemnização ha de passar! Disse a carta manifesto do chefe e a carta manifesto é obra. (*Salte*).

PITORRA.—E' manifesto! (*Ouve-se rumor e apito.*)

PIMENTA.—Olá! temos rôlo!...

PITORRA.—Correm para este lado...

PIMENTA.—E' uma malta de capoeiras.

PITORRA.—Santa Barbara! Minha Nossa Senhora da Copacabana!... Valei-me, Mãe dos Homens! (*Cõem-se os dois com a parede. Entra a malta, á cuja frente vem Sebastiana vestida de garoto.*)

CORO

Desta escapamos
Graças á nossa pericia!
Logramos a policia
Livres estamos!

D. SEBASTIANA

COPLA

Demos n'um rôlo
Muita pancada
Puzemos á cabeçada
Tudo n'um bôlo!
Quando um de nós
Pucha veloz
Pela navalha,
Pobre da pança
Que a dita alcança
Nada ha que a yalhá!

CORO

Quando um de nós
Etc., etc., etc.

D. SEBASTIANA (*vendo os dous*) Olé estão por cá
(*Aos companheiros*) Rapaziada, até logo! Fico aqui...
tenho que faller com aquelles dous figurões...

UM CAPOEIRA (*com a navatha*).— Queres que dê uma
sangria em algum d'elles?

D. SEBASTIANA.— Não! são amigos! Adeus (*Os ca-
poeiras sahem*)

PITORRA.— Com effeito! pois a senhora não tem
vergonha de andar em semelhante companhia?

D. SEBASTIANA.— Que queres? É um divertimento
como qualquer outro...

PIMENTA.— Pode limpar as mãos a parede com o
divertimento...

D. SEBASTIANA.— (*a Pitorra*) Sabes? Acabo de as-
sistir a mais um rapto... porem de novo genero...

PITORRA.— Como assim?

D. SEBASTIANA.— Desta não vez houve raptor, mas
raptora...

PIMENTA.— O que?... pois as mulheres tambem
raptam?

PITORRA.— E quem foi o feliz mancebo que foi rap-
tado?

D. SEBASTIANA.— Não foi uma mencebo... foi uma
moça!

PITORRA E PIMENTA.— Oh! *esconde o rosto com as
mãos*)

SCENA IV

(OS MESMOS. BANANA E GUIMARÃES, DEPOIS A CABEÇA DE
PORCO, DEPOIS UM MARIDO AFFLICTO E O HESRANHOL.)

GUIMARÃES (*agarrando banana*) Hei de provar que é
»in gatuno!

BANANA.— E eu hei provar que você é um falsificador
(*O povo. que vai pouco a pouco enchendo a scena contemplando-os*)

GUIMARÃES.— Rouba-me o meu rico dinheiro !

BANANA.— Falsificar a minha rica firma ! (*sahem*)

PITORRA.— E' a questão Banana !

PIMENTA.— Tenho visto *allumiar*;

PITORRA (*a D. Sebastiana*).— O que pensa a respeito?

D. SEBASTIANA.— Penso, e como eu toda a gente, que ou um dos dois é um grande velhaco, ou o outro é um grande patife !

PITORRA.— Não ha axioma mais verdadeiro !

PIMENTA.— Com licença ! São horas de ir ao ministro da justiça entregar a relação dos donativos que tenho angariado !... Amanhã ha despacho e...

D. SEBASTIANA.— Vae e entra com o pé direito.

PIMENTA.— Se Deus quizer! (*Sahe*)

PITORRA.— Fica doido com certeza.

D. SEBASTIANA.— Olha quem vem alli ? (*Aponta para fira*)

PITORRA.— Quem é ?

D. SEBASTIANA.— A Cabeça de Porco!... A celebre e afamada Cabeça de Porco!... Vê como se meneia satisfeita. (*Entra a Cabeça de Porco, que canta quebradamente*)

CABEÇA DE PORCO

I

Eis a Cabeça de Porco
Que d'auctoridade abusa,
Menos cabeça de porco
Que cabeça de Medusa!
Ha cabeças de comarcas
De termos cabeças ha
Que valem menos de certo
Que a cabeça que aqui está

Coisa é sabiba
Ninguém pôde,
Ai! que pagode
Com a minha vida!

CORO

Coisa é sabida
Ninguem pôde.
Ai! que pagode
Com a sua vida!

CABEÇA DE PORCO

II

Não ha cabeça de turco
Não ha cabeça de breu,
Não ha cabeça de prego
Que possa mais do que eu!
Mesmo a Cabeça de Negro
Que da berlinda ora está
Como a Cabeça de Porco
Nunca importancia terá.

Coisa é sabida, etc., etc.

CORO

Coisa é sabida, etc., etc.

(A Cabeça de Porco sahe)

D. SEBASTIANA.— Alli onde a vês é na realidade uma potencia!

PITORRA.— Ninguem pôde com a sua vida d'ella! E mettam-se, si são capazes.

O HESPAÑHOL (*entrando, ao Marido afflicto*) Pois, meu charo senhor, o que sua mulher tem dentro é um peixe vivo!

MARIDO.— Um peixe vivo!...

PITORRA (*a D. Sebastiana*).— Que? a mulher d'elle tem peixe vivo dentro?

D. SEBASTIANA.— Silencio! Ouçamos!

MARIDO.— Não me diga que minha mulher tem peixe!... creia que não fui eu que...

HESPAÑHOL.— Não se assuste... Venha commigo... Vou fazer no senhor...

MARIDO,— Sim, senhor...

HESPAÑHOL.— Una pequena e suave operação, graças a qual ficará sua mulher sem peixe...

MARIDO.— Oh!... tudo o que quizer!... estou disposto a tudo, contanto que a Mariquinhas fique sem peixe vivo dentro!... O maldito naturalmente entrou-lhe nos banhos no Boqueirão!

HESPAÑHOL.— E' provavel... Vamos.

MARIDO (*sahindo*).— Sempre quero ver como elle vae tirar de mim o peixe que está na Mariquinhas!

PITORRA.— Que me diz ao da rabeça?

D. SEBASTIANA.— Deixal-o aprender á sua custa... Quem o manda ser tolo? Espera que temos novidade. Vem alli um padre seguido de povo.

PITORRA.— O que será? (*Entra o Padre Fusileiro acompanhado de grande multidão*).

SCENA IV

Os mesmos, UM PADRE-FUSILEIRO, depois UM MATHEMATICO, depois a ROSA DE OURO, mais tarde PIMENTA. }

CORO

Que factó engraçado
Nós estamos vendo!
Que padre damnado!
Que caso estupendo!
Oh! que fusileiro!
Oh! que sacerdote!
No universo inteiro
Não ha ouro d'este lote!

VOZES.— E' padre!

OUTRAS VOZES.— Não é padre!

PADRE-FUSILEIRO.— Pois sim, confesso, não sou padre. Sou um naval que tomei este disfarce porque nasci para andar de batina e não de farda.

PITORRA.— Ah! Você não é padre?

PADRE-FUSILEIRO.— Por culpa de minha avó que me obrigou a assentar praça. Ah! mas agora já sei latim,

já digo minha missa e tenho ouvido muita moça bonita de confissão.

PITORRA.— Um padre e marinheiro! Que viagens não terá feito com as ovelhas!...

PADRE-FUSILEIRO.— Não me descubram por quem são! A policia persegue-me e eu não quero voltar para bordo.

D. SEBASTIANA.—O' padre! Que diabo de historia traz você debaixo da batina.

PITORRA.—Espera!... E' um violão.

D. SEBASTIANA.—Bravo! Passa para cá uma cantiga.

PADRE.—Vão deitar-me a perder.

PITORRA.—Cante e não bufe! Sinão eu chamo a policia.

PADRE.—Emfim!... Já que não ha remedio!... (*Pucha o violão e canta*)

LUNDU' DO PADRE FUSILEIRO

I

Era um dia um rapazote
Que queria bem ou mal
Antes ser um sacerdote
Que fusileiro navál.
Mas ainda em tenra idade
Foi levado a sentar praça,
Pois a sorte por maldade
Quiz fazer-lhe esta pirraça!
A sorte, nós bem sabemos,
E' tal qual como a mulher,
Que quer, quando não queremos,
Quando queremos, não quer!
Me diga porque,
Candongas, yayá
Eu peço e você,
Meu bem, não me dá

II

Ha quem não gosta da farda
E não quer praça assentar,

Porque tem medo da guarda
Que é obrigado a montar!
Muitos tenho conhecido
A quem a sorte brejeira
Nos batalhões de Cupido
Obriga a jurar bandeira!
A sorte, nós bem sabemos,
etc. etc. etc.

III

Neste mundo de massada,
Que é mundo de reinação,
Toda a gente é recrutada
P'ra servir n'um batalhão!
Prova de que não resistem
Ao commando das mulheres;
E' que bem poucos existem
Que não façam pé de alferes!
A sorte, nós bem sabemos,
etc. etc. etc.

IV

Um na activa se conserva
E' garboso militar,
Outro fica na reserva,
Pois já não pôde atirar.
Aquelle irá na vanguarda,
Quando um dia a guerra o chame,
Este irá na retaguarda,
Carregando o cartuxame!
A sorte, nós bem sabemos,
etc. etc. etc.

D. SEBASTIANA.—Padre, parece que vem alli a policia!

PADRE.—Valha-me Nossa Senhora! (*Desata a correr, sendo seguido pelo povo*)

PITORRA.—E' o caso de dizer como o outro: que padre damnado, meu bom Santo Antonio! Oh! que luzido acompanhamento vemacolá!

D. SEBASTIANA.—Já sei! E' a Rosa de Ouro que Santo

Padre enviou á Princeza Regente pela libertação dos escravos! (*Entra a Rosa de Ouro acompanhada de grande sequito de irmãos de diversas irmandades—Todos se curvam á sua passagem—A Rosa vem em um palanquim em fórma de jarra—Musica na orchestra*)

PITORRA.—Oh! como é formosa!

ROZA.—Recebei todos as benções e as indulgencias que a Santa Igreja vos concede neste dia!

D. SEBASTIANA.—(*a Pitorra*) Não quero que ella me veja nestes trajés (*Ocultá-se entre o povo*)

ROZA.—Contemplae, filhos de Jesus e da Igreja Catholica, a mais bella das graças que pôde receber um mortal por suas altas virtudes. (*Desce do palanquim e canta*)

VALSA

Eu sou para a christandade
O mais bello galardão
Que dá Sua Santidade
Em recompensa ao christão!
Sou ineffavel thesouro
De virtude, paz e amor
Sou, enfim, a Roza de Ouro
Dos jardins do Redemptor!
O Santo Padre me envia
E commigo benções mil
A' Princeza que em um dia
Livre tornou o Brazil!

(*Sobe de novo para o palanquim e sahe o cortejo ao som da musica e do repique de sinos*)

PITORRA.—Que bom! ganhei as minhas indulgencias

D. SEBASTIANA.—Sim, senhor! Vale quanto pesa, si é de ouro de lei e massiço.

PITORRA.—Aquillo fundido, hein, dona? (*Entra Pimenta, lendo uma lista, sem olhar para os dois, que o contemplam admirados*)

PIMENTA

Quatro maços de forcidas
Dez meadas de retroz
Linhas de côres sortidas,

Cadargo fino e de cós ;
Quatro caixas de colchetes,
Trez ditas de papel fino,
Nove cartas de alfinetes,
Duas bengalas e um sino :
Cordas novas de violas
Cinco pentes de alisar,
Tres cadeados com argolas
Um bom ferro de engomar ;
Duas ricas mamadeiras
Com seus bicos de borracha,
Palha fina para esteiras,
Parafuzos de tarracha ;
Sete canecas sem aza,
Oito duzias de botões,
Vassouras de varrer casa,
Um tambor, dois violões :
Um samburá de hortaliça
Dos anjos um pão-de-ló,
Metro e meio de linguica,
Dois bofes e um mocotó ;
Tres bacias, cinco potes,
Dois baldes e um regador
Papel... daquelle em pacotes.
Dois bachareis e um doutor.

(*Com êntusiasmo*) Si depois de taes serviços
Eu não fôr commendador!...

(*Outro tom*) Mando o Governo á tabua...
E tomo tudo outra vez.
(*sahe pelo lado opposto*)

PITORRA.—(*a Sebastiana*) Então? E' bico ou cabeça?
Está doido varrido!

SCENA V

OS MESMOS, UM CURIOSO, depois um PATRICIA, um TRIBUNO comprido e um TRIBUNO curto.

CURIOSO.—(*Entrando e dirigindo-se a Pitorra*) O menino está viajando? Si está em character particular, á custa de quem? Fiz esta pergunta ao Ministerio da

Guerra e não obtive resposta. (*Pitorra olha muito espantado para elle*).

D. SEBASTIANA.—Ora bolas, meu amigo! O menino é engenheiro civil e viaja à sua custa. O Ministerio da Guerra não tem nada que ver com isso.

CURIOSO.—Pois sim! E'! Mas eu não jurei!... (*Sahe*)

PITORRA.—Pelo que vejo este é uma amostra do...

Nós combateremos, etc., etc.

D. SEBASTIANA.—E'.

PATRIOTA.—(*Entrando muito satisfeito com uma Gazeta de Noticias na mão*). Graças, meu Deus! El-rei meu senhor está salvo! Acaba de chegar a Barcellona, diz este telegramma da *Gazeta* (*Sahe pelo outro lado*)

PITORRA.—Melhor para elle. Pudesse eu ir á Europa e estivesse em idade de viajar que faria o mesmo. (*A scena escurece e vwe-se uma terrivel trovoada seguida de relampagos*) Ih! que rebordosa vem por ahi!

D. SEBASTIANA.—Realmente o trovão approxima-se (*A trovoada augmenta. Vê-se passar pelo fundo da D. para a E. ao clarão dos relampagos, o Tribuno comprido de braço dado ao Tribuno curto, acompanhados de povo que os acclama. A scena clareia depois de passarem todos*)

D. SEBASTIANA.—(a *Pitorra*).—Vês? Passou a trovoada.

PITORRA.—Ainda bem.

SCENA VI :

OS MESMOS, UM PAE DE FAMILIA, A MULHER E AS FILHAS,
DEPOIS A IMPRENSA.

PAE DE FAMILIA (*entrando*).—Vamos para casa que estou morrendo de fome. Vocês comeram as duas gallinhas assadas e o pão-de-ló e nem siquer deixaram um pedacinho para mim.

A MÃE.—Eu bem lhe disse, *seu Antão*! Quando a gente vae ao cemiterio no dia de finados, deve levar comida que chegue.

O PAE.—Quem vae sempre no meio sou eu.

Lopes Trovão

UMA FILHA.—Tambem Mamãe estava com tanta fome que por engano quasi ia comendo duas saudades da grinalda de meo padrinho.

A MÃE (*dando-lhe um beliscão*).—Cala a bocca, diabo ! Olha que estão nos ouvindo. Tu tambem te engasgaste com um pedaço de osso e si não fosse teu primo te bater nas costas !...

O PAE.—Está bom, basta de barulho ! Para o anno compra-se menos uma corôa e levam-se mais duas galinhas. Vamos (*Sahem*)

D. SEBASTIANA.—Ahi tens para o que vão ao cemiterio a maior parte das pessoas.

PITORRA.—Por isso eu, desde que cahi dentro de uma cova, lá não voltei. Fui tirado a pau e corda !

D. SEBASTIANA.—Ali vem a Imprensa de luto. Provavelmente tambem vaa ao cemiterio.

PITORRA.—Vou perguntar-lhe. (*A' Imprensa que entra com duas grinaldas na mão*) Será indiscripção saber, minha senhorr, de onde vem e para onde se dirige com essas duas grinaldas ?

IMPRESA.—Venho de junto de dois berços e vou para junto de dois tumulos, ms dois berços brincam risonhos o *Diario do Commercio* e a *Tribuna Liberal* que acabam de nascer ; nos dois tunulos descansam dois grandes batalhadores que muito fizeram por mim...

PITORRA.—E foram ?

IMPRESA.—Luiz de Castro e Joaquim Serra. (*Cum-primenta e sahe*)

D. SEBASTIANA.—A Imprensa veio lembrar-me um dever que tenho de cumprir.

PITORRA.—Qual ?

D. SEBASTIANA.—Depositar tambem uma grinalda sobre o tunulo de um bom, o Conde de Mattosinhos ; Atélogo (*sahé*)

PITORRA.—Eu é que não fico aqui sósinho. Vou ver si encontro o Pimenta. (*Vae a sahir pela D. quando é agarrado por tres caixeros que entram trazendo cada um uma lata de pixe com a competente brocha*)

SCENA VII

PITORRA, 1º, 2º E 3º CAIXEIROS, DEPOIS PIMENTA.

1º CAIXEIRO.—Você fecha ou não fecha ?

PITORRA.—Fecha o que ? Não me dirá ?

2º CAIXEIRO.—Si não fecha, leva pixe.

PITORRA.—(á parte) São *prophctas* que andam a pinhar lampeões.

1º CAIXEIRO (aos outros) O homem não quer fechar. Pixe nelle !

PITORRA.—Puxe com esse pixe para lá. Fecho tudo que vocês quizerem... e abro tambem si o exigirem.

1º CAIXEIRO.—Então, estamos entendidos ! E viva o pixe !

Todos.—Viva !...

PIMENTA (entrando).—Ah ! Commendador ! Parece que a cousa pega ! O ministro ficou satisfeito. Em caminho reflecti que o mocotó não chegava para todos e mandei preparar-o para mim.

PITORRA.—Almôço comtigo amanhã.

1º CAIXEIRO (aos companheiros).—Rapaziada; antes de continuarmos a nossa propaganda vamos esperar os collegas que vem de S. Paulo (Sahe)

OS COMPANHEIROS (acompanhando-o).—A' estação !

PIMENTA.—Desta vez parece que a cousa fecha mesmo.

PITORRA.—Fecha ! Fecha !

PIMENTA.—Já vi, no Vaiedades !

SCENA VIII

OS MESMOS. DOIS LITTERATOS QUE BRIGAM, DEPOIS A SOCIEDADE UNIÃO DA NOVA VDA.—Os *litteratos* atarvesam a scena, um avançando citro recuando, ambos muito enlanmeados. Abaixam-se deves em quando e apanham lama que atiram um no outro.

1º LITTERATO.—Seu estuido !

2º DITO.—Que idiota !

1º LITTERATO.—Que homem!

2º DITO.—Que besta!—*(Desapparecem.)*

PIMENTA.—Safa! que descompostura! E como atiram lama um no outro.

PITORRA.—Não faças caso! E' uma discussão de litteratos!

PIMENTA.—Olhe, Commendador! Vem alli a Sociedade União da Nova Vida que volta de cumprimentar a Sua Magestade!

PITORRA.—Todos de casaca! Bravos á lei!

(Entra a Sociedade União da Nova Vida. Os pretos vestem á côrte e as pretas de vestidos brancos, fitas azues, anquinhas e flor no cabello.)

JONGO

Ze tempo já se acabou
Em que nossu era animá!
Negro não tem mais sinhô,
Negra não tem mais sinhá!
Já come carne de vacca,
Carne secca já não ha!
Preto já veste casaca,
Preta já bota tundá!
 Ai uê! ai uá!
 Ai uá! ai uê!
Que dê sinhô? que dô sinhá?
Ze captiveiro que dê
 Babau
 Do bacaiáu!
Nossu mero já não tem!
Gente branca tá predida
A União da Nova Vida
Vae fazê furô tambem!
Zere turo mandrião
Ha de agora trabaiá:
Ze moleque já não ha,
Ture nasce cidadão!
 Ai uê! ai uá!
Etc. etc. etc.

(Saem depois do jongo.)

PITORRA.— E então? A crioulada está influida!

SCENA IX

Os mesmos, D. SEBASTIANA, depois UM DA GUARDA

D. SEBASTIANA.— Descobri o melro! descobri o melro!...

PITORRA.— O patife que raptou Chindoca?

D. SEBASTIANA.— Exactamente

PITORRA.— Mas como foi que?...

D. SEBASTIANA.— Vamos; em caminho te explicarei... E depressa por que tenho de ir á exposição dos productos que vão para Pariz.

PIMENTA.— Eu vou tambem...

PITORRA.— Agora dispenso a tua companhia... As explicações de familia não devem ter testemunhas.

PIMENTA.— Visto isto acompanho-os só até á rua do Ouvidor.

PITORRA.— Vamos! (*Vão a sair quando entra Um da guarda com um grande cacete na mão esquerda e um revolver.*)

UM DA GUARDA (*agarrando Pitorra*).— Grite já: Viva a monarchia, ou vê uma bicha commigo!

D. SEBASTIANA (*baixo a Pitorra*).— Grita! E' da Guarda Negra, que anda ás voltas com os republicanos que foram á conferencia do Silva Jardim!

PITORRA.— Eu grito até viva o diabo que o carregue, quanto mais—Viva a Monarchia! Viva Monarchia! (*Sahe a correr com Sebastiana e Pimenta.*)

UM DA GUARDA.— E não gritasse?... (*Sahe gingando pelo outro lado.*)

MUTAÇÃO

QUADRO X

AVO

Uma pequena sala completamente vazia

SCENA I

CHIMDOCA e DOUTORA, dentro, e depois D. SEBASTIANA
e PITORRA

(Ao fazer-se a mutação saem do quarto dois meirinhos levando os ultimos objectos de uma penhora, atravessam a scena e vão-se pelo fundo.)

CHIMDOCA (*dentro*).—Levem, miseraveis!... levem!.. digam ao infame que os mandou que ha de morrer no hospital!... Ordinario!

DOUTORA (*dentro*).— Então?... Tenha paciencia!... Resigne-se. Não vá estragar-me a cura!

CHIMDOCA (*idem*). Uma penhora, Doutora! que vergonha!

DOUTORA (*idem*).— Tratemos de sua saude... Deixe ver o pulso... (*Pausa. Entram D. Sebastiana e Pitorra*)

D. SEBASTIANA (*Da porta, a Pitorra*).— Nem um movel para remedio! Bem nos disse o homem da venda de baixo que hoje pela manhã tinham vindo cá os meirinhos...

PITORRA.— E vão ainda dizer que ha trastes que estão livres de uma penhora...

D. SEBASTIANA.— Mas será o mesmo? Ha muitos Menezes na terra...

DOUTORA (*da porta para dentro*).— Até para a semana... Não se esqueça do que recommendei... Tonifique-se... alimente-se... ferro... carne mal assada... passeios moderados... (*Aparte. Vendo os dois*) São parentes, talvez. (*Alto*) A doente levantou-se. Que trium-

pho !... Salvei-a da morte, posso com orgulho affirmar-o ! Passar bem ! *(Sahe)*

PITORRA.— Que! salvou-a da morte ?... Quem é esta senhora doutora e a quem salvaria ella ?

D. SEBASTIANA.— A quem salvou não sei.— Quem é, tu o disseste. E' uma senhora doutora !

PITORRA.— Doutora ? Sério ?

D. SEBASTIANA.— Que queres ? A mulher a quem o amor de filha, a ternura de esposa e a dedicação de mãe tornaram o anjo do lar, pretende equiparar-se ao sexo forte, esquecendo-se de que, no dia em que julgar tel-o conseguido, deixará de ser, como é, superior ao homem, para ser sua igual.

PITORRA.— Isso ! E os filhos que chorem em casa emquanto as mães forem ver os doentes ou advogam nos auditorios ! Por fallar em choro !... Parece-me ouvir choro de creança...

D. SEBASTIANA.— Eu tambem...

PITORRA.— Vejamos... *(Ouve-se dentro choro de creança pequena !.. Vae á porta lateral e espia para dentro.—Deixando cahir a bengala e o chapeo que traz na mão)* Ai ! minha Nossa Senhora do Parto !

D. SEBASTIANA.— Que é ? Que tens ?

PITORRA.— E' a Chindoca que está dando que mamar a um Pitorrinha !... Avô !... eu sou avô !... Diabos levem os credores !... Nem ao menos deixaram uma cadeira em que eu possa desmaiar, como exige a situação !.

D. SEBASTIANA *(indo á porta)*.— O' de casa !

CHINDOCA *(apparecendo)*.— Quem é ? *(endo Picorra)* Meu pai !...

PITORRA.— Desgraçada !... pois fugiste em janeiro e em dezembro já eu sou avô ?...

CHINDOCA.— Desdenovembro, papae... Quasi morri... Estava esperando ficar mais forte para ir lançar-me a seus pés... Quando me viu muito mal, Menezes casou commigo..

PITORRA *(contente)*.— Casou ?... A q u i qui, m e n e r e s !...

D. SEBASTIANA.— E então ? estás mais satisfeito ?

PITORRA.— Que duvida, dos males o menor !... Antes sr avô de um neto legitimo)á Ja tem nome ?

CHINDOCA.— Queria que papae o escolhesse...

PITORRA.— Visto isto, ha de chamar-se Sebastião... em homenagem a esta senhora... que ha um anno me a cura! Sebastião Pitorra Meneres! Um nome de arromba! Vamos embora!

CHINDOCA.— Pois quer?

PITORRA.— Já agora não tenho remedio! Venha o genro para casa... A sorte quer que eu sustente um vagabunuo!

CHINDOCA.— Oh! papae!

PITORRA.— Vac buscar o pequeno!... Nem mais uma hora aqui!... Uma casa em que não ha cadeira para a gente desmaiar!... Escreve um bilhete a teu marido, de modo que apenas chegue vá ter conosco...

CHINDOCA (*embaraçada*).— Escrever... mas não tenho tinta... nem papel...

PITORRA.— Ah! sim! foi tudo para o deposito... Não importa; deixaremos um recado na venda... Vae buscar o pequeno e vamos!

D. SEBASTIANA.— Vamos...

SCENA II

OS MESMOS, E 89

89.— Um momento!

D. SEBASTIANA.— Quem és tu, formoso menino?

89.— O anno de 89 que acaba de nascer. 89, lembra-te? A data mais gloriosa da França, e da qual dependeu o destino de todas as nações! Tinhas tu cem annos menos e eras cem vezes menos formosa!

PITORRA.— Bem se vê que uma cidade não é uma mulher!

89.— Pois bem! Eu venho celebrar o centenario d'aquella data immorredoura com a exposição universal de Pariz a que deves assistir para que vejas como, de sob as ruinas da Bastilha, surge radiante o progresso da humanidade! Olha! Foi ha cem annos! (*Forte na orchestra.—Mutaçào.*)

QUADRO XI

UMA DATA IMMORREDOURA

*Quadro vivo representando a «Tomada da Bastilha.»
Fogos cambiantes.*

CAHE O PANNO

2^a vs.
27. 16. 7. 77
Oh.

